

ALBINO PACHECO

---

# DEGENERESCENCIA



COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1901



*J. Agnew Ross*

DEGENERESCENCIA



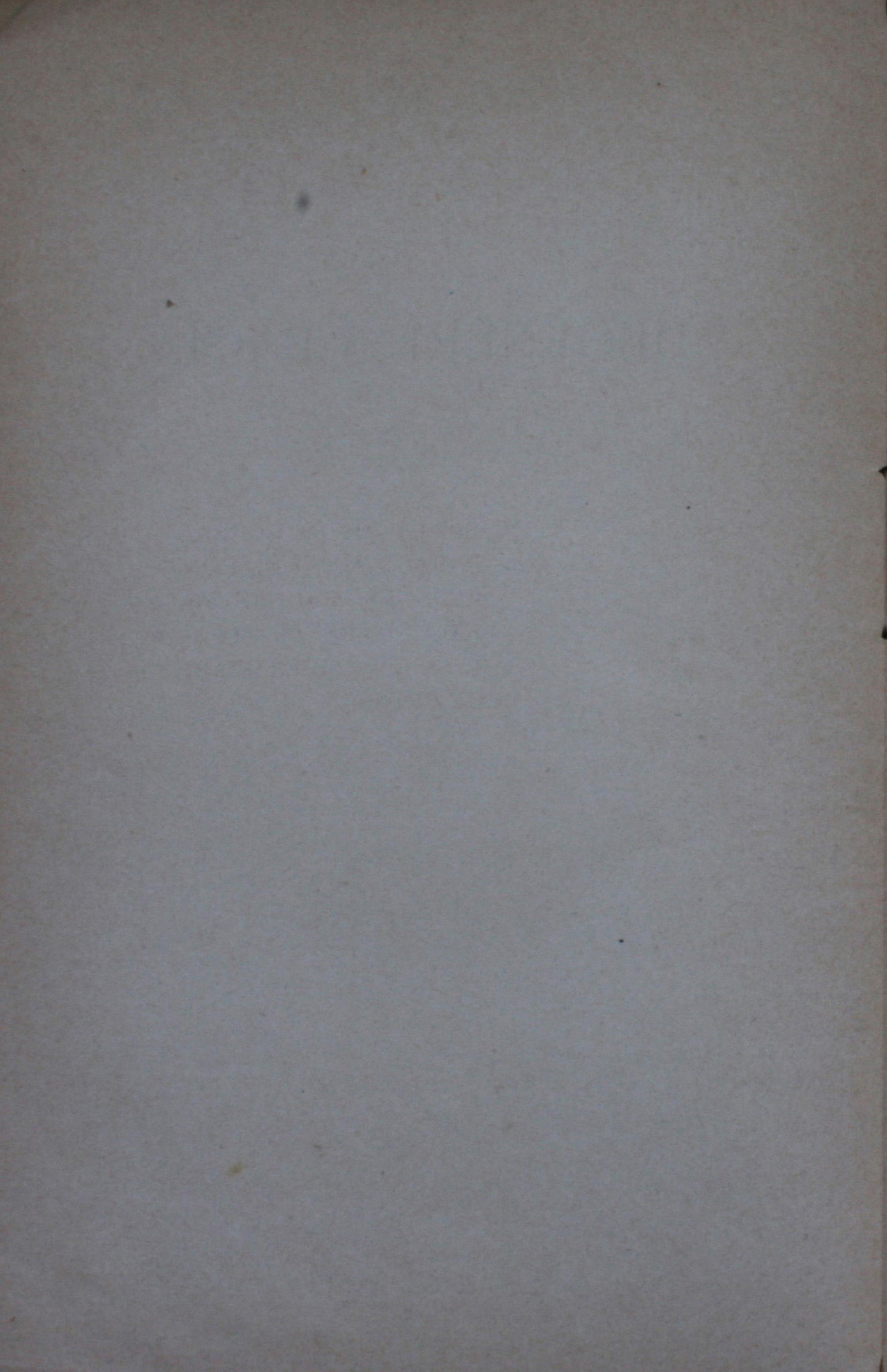
ALBINO PACHECO

---

# DEGENERESCENCIA



COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1901



DISSERTAÇÃO INAUGURAL  
PARA O ACTO DE CON-  
CLUSÕES MAGNAS NA  
FACULDADE DE MEDI-  
CINA DA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA



Ao SENHOR CONSELHEIRO

CARLOS DA CUNHA PIMENTEL

Era ao bello espirito de Bernardino  
Passos que eu contava offerecer o meu  
trabalho.

Dedico-o hoje ao amigo que melhor  
soube amá-lo e comprehendê-lo.



# DEGENERESCENCIA MENTAL

---

## ASPECTOS DO PROBLEMA

«Voir clair dans ce qui est.»  
SAINTE BEUVE.

Antes de MOREL e depois de MOREL. Expansão do conceito de degenerescencia e sua applicação aos dominios da psiquiatria, da criminologia, da historia, da literatura e da arte. Abusos da doutrina e sua avariada divulgação pelos profanos. A suspeição sobre os homens de talento. Os psiquiatras e os leigos: inconvenientes da *meia-ciencia*. Reconciliação das multidões com os intellectuaes. Intuitos d'este livro.

É relativamente moderno o termo *degenerescencia* introduzido na psiquiatria, e no entanto ha muitos seculos já, com sorte vária, a noção que elle exprime fazia carreira e definia-se por vezes com notavel clareza nos textos que medicos e philosophos nos legaram.

Não é meu intento recuar muito atrás na historia e delinear a curva evolutiva que a moderna doutrina da degenerescencia mental tem percorrido desde o primeiro momento em que foi prevista e esboçada. Levar-me-ia muito longe um tal proposito, porque a simples referencia a algumas passagens de ARISTOTELES demonstra bem que, neste capitulo, as investigações teriam de

remontar pelo menos aos tempos da sabedoria hellenica, patenteando-nos de surpresa a admiravel intuição com que já então fôram vistos os aspectos degenerativos, que os mais modernos psychiatras nos apresentam como aquisições inteiramente novas para a sciencia.

Não sei porém resistir á tentação de respigar uma parte da traducção de varios excerptos do *Problemata* do grande helleno, que encontro no livro de SOURY (1).

ARISTOTELES nota que os homens illustres na philosophia, na politica, na poesia e nas artes eram *biliosos* ou *melancolicos*, a ponto de soffrerem das doenças que resultam da *bilis negra*; e parece-lhe que os antigos chamaram *mal sagrado* á epilepsia, porque HERCULES a manifestára tambem no furor contra os filhos e na violencia com que dilacerava as proprias feridas. É ainda pela *bilis negra* que elle explica as modalidades psychicas de AJAX, BELLEROPHON, EMPEDOCLES, PLATÃO, SOCRATES, «as de uma multidão de personagens illustres e da maior parte dos poetas». Era essa especie de temperamento a causa das doenças de muitos d'elles; em outros a sua disposição natural tenderia evidentemente para essas affecções, e nisso consistiria a *natureza particular* de todos os homens celebres.

D'aquelles cuja bilis é abundante e quente, uns tornam-se maniacos, alegres e emotivos; outros manifestam-se delirantes ou possuidos de furores divinos, como as Bacchantes e Sibyllas; alguns, finalmente, são com effeito melancolicos mas tornam-se mais reflectidos, menos singulares, e em muitas coisas excedem os outros homens nas sciencias, nas artes, ou na administração dos negocios publicos.

O temperamento melancolico, além de modificar os

---

(1) JULES SOURY, *Système nerveux central, Structure et fonctions*. Paris, 1899, pag. 222.

individuos, como o fariam as doenças, é em si também muito instavel, e determina as mais diversas conductas em face d'um perigo: uns são cobardes e outros moderados, uns são impassiveis e outros colericos. Muitas vezes succede que o abatimento, as tristezas, as inquietações vagas se manifestam habitualmente sem causa conhecida, como se ignora o motivo do bom humor noutras conjuncturas. Estas affecções existem de resto mais ou menos, nalguma proporção, em toda a gente. Todavia, os que por natureza só ligeiramente participam d'esta crase são de compleição média; aquelles que d'ella participam mais completamente deixam *por isso de se parecer com a multidão dos outros homens*. Se a possuem muito concentrada, são extremamente melancolicos; se mais temperada, são superiores, acima do commum. Naquelles podem surgir signaes de *epilepsia* ou de *apoplexia*; manifestarem-se violentas *syncofes*, ou *terrores* inexplicaveis ou *audacias* inauditas.

Tudo isto resulta da crase; e se ella fôr demasiado fria determina o mal estar e a fraqueza de todo o ser, sem que nada explique taes estados. Então a gente moça principalmente, mas também ás vezes os mais idosos, *enforcam-se*. Muitos melancolicos suicidam-se depois de embriagados, outros matam-se subitamente, surprehendendo todo o mundo com essa morte, que nenhum signal precursor deixava prevêr.

Em summa, os melancolicos são desequilibrados porque os effeitos da *bilis negra* são irregulares e instaveis, porque a bilis póde ser muito fria ou muito quente, e é assim que ella actua sobre o moral. Como póde todavia succeder que a bilis, por muito instavel que seja, se encontre misturada em justas proporções; como ella póde ainda, conforme as condições, ser ora mais quente ora mais fria, segue-se que *todos os melancolicos são superiores aos outros homens, não por effeito d'uma doença, mas em virtude da sua natureza*.

Accessos epilepticos ou epileptoides e hystericos; obsessões, phobias, terrores, impulsões e suicidios; inquietações vagas, anciedades, tristezas e abatimentos — tudo fôra visto por ARISTOTELES, que explicava estes estados de harmonia com as doutrinas humoraes em voga no seu tempo.

Nas suas linhas geraes, em summa, toda a symptomatologia que os alienistas de hoje assignalam nos degenerados, era conhecida já do philosopho grego — que, naturalmente, apenas não pode ser moderno na interpretação dos factos. Se elle tivesse alludido á influencia da hereditariedade, que chegou a invocar na transmissão das tendencias maleficas, teria sido fundamentalmente completo, e os modernos psychiatras nada de essencial teriam acrescentado á sua obra.

Se quizessemos fazer toda a historia da questão ser-nos-ia facil encontrar a noção de degenerescencia espalhada em vária literatura, de ARISTOTELES para cá, invocada com diversas designações e sob multiplos aspectos; semelhante tarefa, porém, com ser demorada e laboriosa, nenhum coefficiente de valor poderia fornecer, susceptivel de pôr-se em equação que permittisse resolver um ou outro incidente do vastissimo problema.

Devemos contudo consignar que o primeiro texto scientifico que fala em *degenerados* se encontra num livro de BUFFON (1) com um sentido biologico determinado, mas entre sábios e profanos o termo possuiu os mais diversos significados, como testemunham, além d'outros, os excerptos seguintes:

«L'homme sauvage n'est point l'homme primitif, mais l'homme dégénéré.» (BALLANCHE.)

«Les plantes cultivées, les animaux domestiques que les soins de l'homme perfectionnent de plus en plus,

---

(1) Cit. por MOREL, *Traité des dégénérescences*. Paris, 1865, pag 14.

sont en réalité d'autant plus dégénérés, par rapport à la nature, qu'ils sont plus perfectionnés par rapport à nous.» (B. BARBÉ.)

«C'est par le désordre du premier âge que les hommes dégénèrent.» (J. J. ROUSSEAU.)

«Tous les extrêmes faisant dégénérer, les tempérances régénèrent ou améliorent.» (VIREY.)

«Toutes les maladies font dégénérer l'espèce humaine.» (MAQUEL.)

«Dans la nature, toutes les races qui ne se croisent pas dégénèrent.» (RASPAIL.)

«La chute de l'homme dégénéré est le fondement de la théologie de presque toutes les nations.» (VOLTAIRE.)

«On ne suit pas toujours ses aïeux ni son père;  
Le peu de soins, le temps, tout fait qu'on dégénère,  
Faute de cultiver la nature et ses dons.» (LA FONTAINE.)

Por estas citações, que poderíamos reproduzir ao infinito, se vê já como o vocabulo e a idéa desde ha muito se insinuavam e expandiam em todas as direcções numa tendencia desastradamente abusiva que até aos tempos modernos não permittiu que o conceito de degenerescencia se definisse com clareza e que nem mesmo a sua extensão fôsse bem assente e delimitada entre os proprios alienistas.

Nos dominios da psychiatria a noção de degenerescencia foi introduzida por MOREL, mas não póde contestar-se que varios precursores lhe haviam preparado o terreno. No periodo analytico do principio d'este seculo que fez o naufragio da doutrina de GRIESINGER, a observação minuciosa e pormenorizada dos loucos conduziu a classificações em que os symptomas formavam a base dominante.

Formulou-se a distincção entre *loucura geral* e *loucura parcial*, já esboçada por ZACCHIAS e BOERHAAVE no seculo XVIII; PINEL descreve a *mania sem delirio*; PRITCHARD a *loucura moral*; ESQUIROL as *monomanias* e FERRUS os *delirios parciaes* — outros tantos grupos cujas fórmulas os modernos auctores alinham sob a rubrica de *loucuras degenerativas* ou de *loucuras hereditarias*. E a influencia da hereditariedade, de ha muito presentida e acceita, fôra já antes de MOREL largamente demonstrada por PROSPER LUCAS e por MOREAU DE TOURS, que tinham reconhecido a hereditariedade de transformação nas doenças mentaes (1) salientando assim a importancia d'este factor em psychiatria.

MOREAU particularmente, tendo amplificado muito a concepção dos estados degenerativos, no livro *A psychologia morbida nas suas relações com a philosophia da historia* manifesta bem o interesse especial que lhe mereceu a investigação dos antecedentes pessoais e hereditarios, e procurou além d'isso estabelecer os signaes objectivos da hereditariedade (2).

A partir porém do trabalho magistral de MOREL, a doutrina da degenerescencia e a acção do factor hereditario-radicalaram-se enfim como acquisições definitivas em materia de pathologia mental.

E nem o facto do mesmo problema haver sido abordado anteriormente por outros alienistas tira a MOREL o enormissimo valor que a sua obra encerra, uma vez que não póde considerar-se exaggerada a apreciação de MORSELLI: «... ma più esattamente e propriamente di tutti lo applicó il genialissimo fra gli alienisti, colui al quale la Psichiatria deve il fondamentale concetto della dege-

(1) MAGNAN et LEGRAIN, *Les dégénérés*. París, 1895, pag. 11.

(2) Sr. dr. BASILIO FREIRE, *Os degenerados*. Coimbra, 1886, pag. 47.

nerazione psichica ereditaria, intendo J. B. MOREL. Ora, è a notare che la grande opera del DARWIN sull'origine delle specie uscì, è vero, nel novembre 1859; ma il movimento da essa occasionato nelle scienze biologiche, e soprattutto le indagini nel campo della filogenia, le quali così vivamente illuminarono i fenomeni dello sviluppo individuale (ontogenia), non cominciarono se non negli anni posteriori. Si può affermare, da ciò, che la Psichiatria precorse alla Biologia nella direzione odierna delle ricerche intorno ai caratteri tipici ed alle variazioni dell'individualità.» (1).

O testemunho auctorizado e insuspeito do professor italiano dá-nos bem a medida da acção fecundissima que MOREL exerceu na psychopathologia, e do modo verdadeiramente genial como elle, numa epocha em que as doutrinas darwinianas se não repercutiam ainda nas mais amplas questões da biologia, conseguira abrir largos horizontes e imprimir uma orientação luminosa e inedita, creando novos aspectos, ás investigações dos alienistas.

Pondo de parte o methodo symptomatico que até então era a bussola unica em nosographia psiquiatrica, instituiu e utilizou o methodo etiologico-clinico, que lhe permittiu realizar uma nova classificação das doenças mentaes, fragmentando o grupo então vastissimo das monomanias, formulando o conceito da degenerescencia e definindo as loucuras hereditarias.

A concepção d'estas, que na sua obra formam um capitolo enorme, resultou d'elle haver notado a relação de dependencia reciproca dos factos morbidos hereditarios. Surprehendeu e pôs em relevo a seriação gradual de todos os estados intermediarios entre a mais insigni-

---

(1) MORSELLI, *Manuale di semeiotica delle malat. ment.* Vol. II. Milano, 1894, pag. 12.

ficante excentricidade nos actos ou a mais ligeira aberração da sensibilidade moral — *loucura moral* e *loucura lucida* — por um lado, e a imbecilidade ou a idiotia por outro.

Demonstrou que a influencia do solo, do clima, da hygiene, de certas industrias, dos habitos viciosos, só por si ou combinada com a da hereditariedade, podiam provocar desvios e anomalias tanto de ordem intellectual e moral como de ordem *physica* — e assim creou e impulsionou a investigação da *estigmatização physica* dos degenerados e dos hereditarios (1).

As idéas de MOREL exerceram uma influencia fecundante sobre os alienistas de todos os países, e um grande numero de trabalhos se têm publicado posteriormente ácerca do problema da loucura hereditaria e dos estados degenerativos.

Por um lado procurou-se achar a fórmula que liga a degenerescencia ás anomalias morphologicas e funcionaes, isto é, investigou-se no sentido de estabelecer a estigmatização dos degenerados; d'outra parte indagaram-se as relações entre a degenerescencia e as psychopathias, a feição, o cunho especial e por assim dizer *anomalo* que aquella imprime a estas, de modo a poder reconhecer-se o fundo degenerativo de qualquer forma de alienação em cada caso particular, assim como as allianças e associações possiveis d'uma dada psychose com os syndromas degenerativos.

Apesar, porém, da abundantissima bibliographia que já hoje possuímos sobre o assumpto, ou por ventura em consequencia d'essa mesma abundancia de documentos produzidos em tão curto prazo, não se entendem ainda os auctores quando tratam de definir a extensão do conceito de degenerescencia, e muitos dos problemas

---

(1) MOREL, *Traité des mal. ment.* Paris, 1870, pag. III.

que giram em torno d'esta doutrina constituem por enquanto motivos de irreductivel controversia.

Uns, por exemplo, relacionam com a degenerescencia mental as alienações sem delirio (obsessões e impulsões morbidas, loucura lucida e loucura moral) e as perturbações primitivas da intelligencia — os delirios primarios, as paranoias; outros, ao contrario, descrevem essas fórmulas áparte, como entidades autonomas, sem nada de commum com os estados degenerativos.

Opportunamente sondaremos mais por miudo estes aspectos litigiosos da questão e completaremos o estudo, que nesta altura nos convém deixar apenas esboçado.

A theoria da degenerescencia irrompeu tambem, sob varios disfarces e com diversas designações, no terreno da criminologia, onde ella fez, pelas mãos de CESARE LOMBROSO e da sua escola, a mais agitada e ruidosa investida que póde registrar-se na historia dos modernos torneios scientificos.

Devem, é certo, considerar-se como precursores da doutrina italiana LAVATER com os seus estudos physiomaticos, e particularmente GALL, além de varios outros, com a sua phrenologia.

Mas é afinal uma inoffensiva banalidade o dizer-se que tal ou tal reforma scientifica se vinha preparando de longe, sem que isso nada prejudique e empanne a gloria e o excepcional valor de sabios como LOMBROSO, GAROFALO e FERRI, os tres formidaveis investigadores a quem principalmente se deve o systema engenhoso e tão largamente documentado, que é a escola criminal anthropologica.

Pela primeira vez lançada com muito arrojo e muita audacia nas paginas do *Uomo delinquente* — cheias do exaggero inherente a toda a doutrina revolucionaria que se pretenda fazer triumphar — ella foi desde logo ado-

ptada por GAROFALO e FERRI, os dois collaboradores mais apaixonados do mestre, que a completaram e defenderam dos primeiros embates violentos, esbatendo e corrigindo ao mesmo tempo alguns erros, de que o proprio LOMBROSO não teve duvida em penitenciar-se nas ultteriores edições da sua obra, assim mais harmonica no conjuncto com a *Criminologia* de GAROFALO e com a *Sociologia criminal* de FERRI.

Em face da escola italiana, o livre arbitrio viu-se des-thronado e substituido pelo determinismo como melhor criterio na apreciação dos actos delictuosos. Supprimida a responsabilidade moral como base das leis penaes, achou-se na necessidade da defesa social a justificação do direito de punir.

Demonstrou-se a existencia de individuos dotados de instinctos criminosos, procurou-se fixar os seus caracteres, os seus estigmas, e fazer uma classificação dos delinquentes subordinada aos novos principios.

Instituiu-se, em summa, o estudo psychologico e anthropologico dos criminosos, investigaram-se as causas physicas, biologicas e sociaes do crime, discutiram-se os factores cosmicos, anthropologicos e sociaes da criminalidade, e d'esta fórma o systema conclue: ou pelo exclusivo aspecto biologico do delicto como primitivamente o affirmou LOMBROSO, ou pela multipla etiologia physica, biologica e social com que no-lo apresenta FERRI.

D'esta febril actividade scientifica, cuja bibliographia é hoje extensa e volumosa, resultou um mais perfeito conhecimento das condições anatomo-physiologicas e psychologicas do delinquente, encarado por modo diverso conforme os auctores, mas no fundo sempre reconhecivel a noção d'um estado degenerativo — ao qual podem reduzir-se facilmente todos os conceitos a que o systema conduziu.

LOMBROSO começou por constituir o seu typo de *cri-*

*minosos natos*, procurando engenhosamente caracterizá-lo pela estigmatização morphologica, considerando-o como o *homem primitivo* resurgido no meio das sociedades modernas por um phenomemo de atavismo, e reforçava este ponto de vista comparando o criminoso ás creanças, que, segundo elle, reuniriam todas as anomalias moraes do delinquente: egoismo, crueldade, vaidade, inveja, mentira, gulodice, além de varias deficiencias mentaes como a logorreia, a echolalia, a paraphrasia, etc.

Este typo unico, assim baseado no triplo criterio da estigmatização physica, do atavismo, e da psychologia infantil, e que o proprio auctor reconheceu não convir a todos os criminosos, realizava admiravelmente um typo degenerativo.

Demonstrada a insufficiencia e o radicalismo insustentavel do primitivo typo lombrosiano, a mesma escola, pelo mestre e pelos discipulos, se incumbiu de crear outras classes de criminosos.

LOMBROSO já na segunda edição francêsa do *Uomo delinquente*, sem abandonar a sua criação do criminoso nato, completa a serie criminal com o estudo do louco moral, do epileptico, do delinquente occasional e do delinquente passional, deixando assim transparecer a confissão tacita da inanidade da estigmatização morphologica dos criminosos, que inicialmente com tão calido entusiasmo defendêra. (1)

Na classificação de FERRI encontramos quatro grupos analogos: criminosos alienados, natos, por habito adquirido, occasionaes e passionaes.

MAUDSLEY, um dos primeiros a quem se deve o estudo do lado psychiatrico do problema criminal, fala-nos de loucos moraes e de degenerados (2).

---

(1) DALLEMAGNE, *Théories de la criminalité*. Masson et C.<sup>ie</sup> Paris, pag. 19.

(2) MAUDSLEY, *Le crime et la folie*. Vol. VIII da Bibl. scient. inter.,

Onde LOMBROSO invocára o atavismo *morphologico* exclusivo, COLAJANNI explica a delinquencia pelo *atavismo psychico*, desviando-se assim um pouco das doutrinas do mestre. Este ainda, utilizando as ultimas conclusões de CHARCOT e da sua escola sobre a natureza e os variadissimos symptomas da hysteria, pretendeu tambem considerar os criminosos como hystericos, chegando até ao exaggero de affirmar que, na ausencia de outras determinações morbidas, o acto criminoso seria em si um symptoma da hysteria, da mesma fórmula que de outra vez considerára o delicto em muitos casos como a unica manifestação de epilepsia <sup>(1)</sup>.

Não chegou a imaginar um typo de *criminoso hysteric*, mas admittiu que, nos individuos em que a hysteria é congenita e acompanhada de um certo grau de perversão, existem alguns caracteres particulares: — olhar timido, obliquo; rosto pequeno, pallido, alongado; implantação irregular dos dentes, cavalgados e rachiticos; movimentos desordenados da face e das mãos; asymetria facial; cabellos negros e excessivos. Do lado psychico: tendencias para o automatismo; mobilidade de espirito; o vicio indomito da mentira e da calumnia; e finalmente o erotismo, muitas vezes coroado deploravelmente por uma ou outra fórmula de psychopathia sexual.

Além da epilepsia e da hysteria como factores biologicos da delinquencia, invocou-se tambem a neurasthenia, por iniciativa de BENEDIKT <sup>(2)</sup>. Não era bem a doença de BEARD que, segundo o illustre professor de Vienna, deveria encontrar-se nos criminosos, mas «uma neurasthenia moral combinada com uma neurasthenia

---

Paris, 1877, pag. 26 e seguintes; e cit. do sr. dr. BASILIO FREIRE, *Os Criminosos*. Coimbra, 1889, pag. 29.

<sup>(1)</sup> DALLEMAGNE, *Théories de la criminalité*, pag. 29.

<sup>(2)</sup> DELASSUS, *Les théories mod. de la criminalité*. Paris, 1890, pag. 52.

physica, que é congenita ou adquirida na primeira infancia». O elemento dominante d'essa forma neurasthenica de natureza muito especial seria uma aversão pelo trabalho, aversão levada até á resistencia, e dependente da constituição nervosa (1).

Explicando o que seja a neurasthenia moral, BENEDIKT diz-nos o seguinte: se um individuo desde a infancia não tem força para resistir ás sollicitações instantaneas nem de obedecer aos motivos nobres, e principalmente se esta lucta moral tem para elle como resultado um sentimento penoso — será então um neurasthenico moral. Nestas condições evitará, com o tempo, todo o combate moral, subordinando as suas acções e os seus sentimentos á pressão d'essa neurasthenia moral, e utilizará para seu uso um systema de philosophia pratica tendo por base a aversão pela lucta moral. A primeira e a mais simples manifestação da neurasthenia encontra-a BENEDIKT na vagabundagem. E se no vagabundo ao estado moral neurasthenico se allia um desejo intenso de gozo, elle tornar-se-á delinquente, porque só pelo crime poderá saciar a sua sêde de prazer.

Taes são, em ligeiro resumo, os principaes aspectos sob que tem sido encarado o problema da criminalidade dentro dos limites que mais estrictamente podem assignalar-se á escola anthropologica, e que eu comecei por affirmar que todos, sem grande esforço de analyse, se reduzem á doutrina da degenerescencia.

Em primeiro lugar, os trabalhos iniciaes de LOMBROSO forneceram-lhe materiaes para a criação d'um typo que realiza muito exactamente o da degenerescencia; com effeito esta, segundo o conceito anthropologico formulado

---

(1) DALLEMAGNE, *Théories de la criminalité*, pag. 112.

por TANZI e RIVA, esboçado já no magnifico trabalho do professor sr. dr. BASILIO FREIRE (1), e resumido d'um modo muito suggestivo pelo sabio alienista sr. JULIO DE MATTOS (2), implica, como a synthese lombrosiana, a idéa de regressão atavica; e as anomalias do criminoso-nato sobrepõem-se uma por uma aos estigmas degenerativos. O typo do delinquente coincide com o do degenerado.

A escola italiana apresenta-nos depois outras fórmulas, que egualmente pertencem á degenerescencia, como é facil concluir das relações d'esta com a loucura moral, com a epilepsia, e do estudo dos *syndromas degenerativos* — em que as obsessões, as impulsões e a emotividade têm uma larga e importante representação.

Pelo que respeita ao criminoso-hystérico, LOMBROSO apresentou-no-lo de modo a reconhecer-se nelle um degenerado com estigmas sufficientes: anomalias do rosto e dentes, *tics* da face, automatismo psychico, mobilidade de character, tendencia para a mentira, e finalmente erotismo ou até psychopathia sexual. Em face d'este quadro mesmo incompleto o diagnostico de hysteria deveria completar-se com o de degenerescencia porque, áparte as suas relações de interdependencia, podem achar-se reunidas no mesmo individuo.

Por ultimo, a theoria do criminoso-neurasthenico não resiste a uma ligeira analyse. A neurasthenia moral de BENEDIKT é degenerescencia mental pura. Caracterizá-la pela frouxa ou nulla resistencia do delinquente aos estímulos momentaneos — emotividade e impulsividade —; pela falta de obediencia aos estímulos nobres — obtusão moral — e pela aversão ao trabalho — que não é por certo simples *amyosthenia* (visto que elle é senhor da

---

(1) *Os degenerados*. Coimbra, 1886.

(2) *A Paranoia*. Lisboa, 1898, pag. 179.

sua actividade e dos seus movimentos para tudo o que não tenha um fim productivo e util), mas por ventura em muitos casos verdadeira *abulia systematizada*; lançar mão d'estes elementos para caracterizar a neurasthenia moral é, dizia eu, fundi-la indissoluvelmente com a degenerescencia mental que os incluye como syndromas no quadro da sua complexa symptomatologia.

O facto até certo ponto banal de vermos installada a neurasthenia num individuo degenerado explica-nos a confusão de BENEDIKT, e previne-nos do cuidado que devemos pôr em discernir bem, para cada caso particular, os estigmas e perturbações neurasthenicas dos estigmas e syndromas degenerativos.

Era de resto desnecessario levar muito longe — e por isso as reduzi ao esboço rapido que acaba de ler-se — as considerações tendentes a descobrir a degenerescencia no fundo de todos os trabalhos da escola criminal anthropologica. Surge naturalmente esta verdade a quem se preocupe um pouco com os largos pontos de vista das mais vastas syntheses biologicas, e d'isso nos dão testemunho as palavras com que NORDAU abre uma carta dedicatoria a CEZARE LOMBROSO: «La notion de la dégénérescence, introduite d'abord par MOREL dans la science, développée par vous avec génie, s'est, entre vos mains, déjà montrée extrêmement féconde dans les directions les plus diverses. Vous avez répandu sur de nombreux chapitres obscurs de la psychiatrie, du droit criminel, de la politique et de la sociologie, un véritable flot de lumière que seuls n'ont point perçu ceux qui se bouchent les yeux par entêtement, ou qui ont la vue trop obtuse pour tirer profit d'une clarté quelconque» (1).

---

(1) MAX NORDAU, *Dégénérescence*, v ed. da trad. francêsa, t. I. Paris, 1899, pag. 5.

Independentemente, porém, da analyse que me permitti fazer e da citação, analoga a muitas outras que poderia referir, a subordinação da criminalidade á degenerescencia — designada explicitamente por este termo — tem sido, *larga manu*, discutida e documentada em varias brochuras em que ella se vê franca e abertamente lançada, posta em relevo e com nitidez destacada da especie de estado latente em que se apresenta nos primeiros trabalhos da escola criminal anthropologica. CH. FÉRÉ, por exemplo, que nesta ordem de estudos é uma das mais genuinas auctoridades, publicou um volume sob o titulo de *Dégénérescence et Criminalité* (1), e, com esta epigraphe, todos os livros tratando no conjunto os aspectos biologicos da delinquencia incluem um ou outro capitulo, mais ou menos desinvolido. Para não me alongar em citações, aliás superfluas, referir-me-ei apenas a DALLEMAGNE.

Segundo o sabio professor da Universidade de Bruxellas, a theoria da criminalidade-degenerescencia é, «entre as hypotheses criminologicas, uma das mais solidamente estabelecidas; conta numerosos partidarios e para ella convergem por assim dizer, explicitamente ou não, a maior parte das outras doutrinas. Ella é de resto a mais ecletica, a que se harmoniza melhor com a totalidade dos factos, e as objecções que se levantam visam apenas algumas das suas tendencias demasiado generalizadoras» (2).

Em summa, a psychiatria por um lado, sob o impulso vivificante das idéas de MOREL, procurava estudar em todas as suas particularidades o grupo dos degenerados, descrevendo-lhes os syndromas e enumerando e seriando os estigmas; por outro lado a anthropologia criminal es-

---

(1) CH. FÉRÉ, *Dégén. et criminalité*, 3.ème éd. Paris, 1900.

(2) DALLEMAGNE, *Théories de la criminalité*, pag. 177.

tudava a anatomia e a biologia dos delinquentes, pondo em relevo as suas anomalias morphologicas e funcionaes. Pois bem: as investigações, assim orientadas em terrenos até então independentes, autonomos, conduziram a resultados comparaveis — os caracteres degenerativos acham-se identicos aos proprios da delinquencia. CH. FÉRE e MAGNAN affirmaram o parentesco dos dois grupos e a sua idéa foi gradualmente adquirindo corpo e conquistando adeptos.

MAGNAN declarou abertamente no 2.º Congresso de anthropologia criminal, reunido em Paris, que os individuos dotados de uma predisposição nativa para o crime não são seres normaes, mas hereditarios degenerados. E no Congresso de Bruxellas esta doutrina viu-se perfilhada por um numero consideravel de congressistas. CH. FÉRE evidenciou as analogias entre os varios grupos de degenerados e as diversas classes de delinquentes, e LAURENT resumiu a sua impressão dizendo que as prisões são povoadas em grande parte por alcoolicos e degenerados (1). O proprio LOMBROSO admittiu esta idéa, reconhecendo que *os caracteres do criminoso-nato provêm precisamente quasi todos da degenerescencia.*

É claro que LEGRAIN tem inteira razão quando nos diz que um degenerado póde não ser um delinquente e vice-versa — nem todo o delinquente é degenerado. Se em muitos casos o delicto se póde explicar pela degenerescencia, nem sempre haverá occasião de reconhecer a interferencia d'este factor, em cada caso concreto.

Mas basta attender a que um degenerado é sempre um ser *mal adaptado*, para comprehender como elle esteja mais do que ninguem predisposto a transgredir as leis d'uma fórma mais ou menos ruidosa. A muitos d'esses desvalidos ainda poderá utilizar a ultima, a mais

---

(1) DALLEMAGNE, *Théories de la criminalité*, pag. 184.

desgraçada das adaptações sociaes — a mendicidade. Nem todos porém conseguem realizá-la, porque tambem esta exige aptidões e qualidades — defeitos diríamos melhor — e em grande parte elles tendem para a delinquencia.

Por ultimo, devemos ter sempre bem presente no espirito que, no tocante a estigmas morphologicos pelo menos, elles podem existir isolados como unica determinação degenerativa em individuos psychologicamente sadios, e que os disequilibrios mentaes mais nitidamente degenerativos podem surgir em individuos sem a menor tara anatomica. Isto basta para nos trazer bem avisados e para evitar as tendencias demasiado generalizadoras de que nos fala DALLEMAGNE, segundo a passagem atrás por mim referida.

Ainda filiada na escola anthropologica, ou antes, d'ella derivada e abusivamente diferenciada pelo esforço grandioso e cheio de abnegação dos apóstolos do socialismo, depara-se-nos a *escola criminal socialista*, segundo a designação proposta pelo professor sr. dr. AFFONSO COSTA (1).

Teve incontestavelmente como iniciador o belga QUETELET, a quem se póde considerar como o primeiro sociologo criminalista (2); foi na Italia posteriormente definida e fundamentada por TURATI, POLETTI, COLAJANNI, VACCARO, e muitos outros; em França, por LACASSAGNE, TAFDE, DURKHEIM, GUYAU, WORMS, etc.; e em todos os países civilizados foi successivamente fazendo adeptos, diffundindo-se tanto como as proprias

---

(1) *Escolas e principios de criminologia moderna*. Coimbra, 1895, pag. 141.

(2) CONST. BERNALDO DE QUIRÓS, *Las nuevas theories de la criminalidad*. Madrid, 1898, pag. 124.

doutrinas socialistas, ás quaes de resto offerece um dos melhores elementos de propaganda.

Sem querer aqui destacar as várias modalidades que surgiram da que no seu inicio se chamou simplesmente *terza scuola*, limitar-me-ei a dar em resumo as suas ultimas affirmações taes como as encontro no livro já citado de QUIRÓS:

a) A ordem economica é a base da organização das sociedades, é a economia inteira do corpo social.

b) A desgraçada organização d'esta base produz directa ou indirectamente a grande maioria dos delictos.

c) A reforma socialista, que é integral como integral é tambem o phenomeno economico, fará deminuir sensivelmente até chegar a extinguir as fórmulas de delinquencia directa e immediatamente produzidas por situações e relações economicas; a sua acção far-se-á tambem sentir nas fórmulas menos affectas ao problema economico, mas nunca independentes d'elle; conseguirá, enfim, introduzir um elemento de regeneração e de selecção capaz de attenuar e modificar os proprios factores individuaes, normaes e pathologicos.

d) A cifra minima da delinquencia será na sua maioria constituída por casos pathologicos e passionaes (1).

A escola socialista, portanto, oppõe ao estudo anthropologico e psychiatrico do delinquente a recriminação do meio social; repelle a interferencia dos factores phisicos e biologicos na etiologia do crime, e accusa exclusivamente a ordem social existente como unica responsavel da quasi totalidade dos delictos.

Pouco differe d'este o *conceito anarchista* ácerca do

---

(1) C. B. DE QUIRÓS, loc. cit., pagg. 204 e 205.

delicto, que segundo a doutrina libertária é um producto exclusivo e inevitavel da iniqua e vexatoria organização social.

Os anarchistas renegam e odeiam particularmente a obra de LOMBROSO, de quem o agitador RECLUS diz que é um dos grandes coripheus da sciencia reaccionaria, que teria envenenado SOCRATES e crucificado a JESUS; e que, á força de tratar com loucos, acabou por endoidecer tambem (1).

A hostilidade contra a escola anthropologica por parte dos sectarios da anarchia reconhece dois factores principaes. Em primeiro logar, as doutrinas anthropologicas conduzem naturalmente a reputar como degenerados os criminosos politicos e, entre estes, os anarchistas da propaganda *pelo facto*; em especial as investigações de LOMBROSO concluem por um largo apuramento de casos de psychopathia nos mais exaltados da seita. Em segundo logar, a theoria dos anthropologistas sobre a natureza e as tendencias do homem, que elles concebem como originariamente bestial e rude, desagrada e contraria abertamente os intuitos anarchistas.

Estes contestam que a civilização seja, como affirmou CARLYLE, um artificio, um manto sob o qual crepita em incandescencias infernaes a natureza selvagem do homem; e pretendem ao contrario que o homem é fundamentalmente bom e honesto por instincto.

RECLUS chama á moderna civilização a *idade do oiro*, no mesmo sentido em que se fala da idade de pedra ou da de bronze, e diz que ella é realmente não um manto, mas um habito que suffoca os instinctos ou ateia, como a mythologica tunica de NESSUS, as paixões e os delirios que conduzem ao crime.

No mesmo sentido se exprimem KROPOTKINE e GRAVE

---

(1) C. B. DE QUIRÓS, loc. cit., pag. 212.

que com RECLUS completam, na opinião de QUIRÓS, a triade de agitadores que hoje mais exactamente continuam a propaganda de BAKOUNINE, GUILLAUME e HERZEN — os tres iniciadores do movimento desde a scisão no congresso de Haya, em 1872.

Abordando a questão da degenerescencia como factor da criminalidade, KROPOTKINE proclama que os estados degenerativos são effeito e não causa do delicto; e com DOSTOYEWSKI, que, como elle, teve tambem ensejo de observar e conhecer por experiencia propria a vida das prisões, attribue á acção do regimen carcerario os estados morbidos dos delinquentes.

Não ha, pois, differenças notaveis entre anarchistas e socialistas no tocante ao modo de relacionar a degenerescencia com a criminalidade. Ou negam simplesmente a degenerescencia dos criminosos; ou relegam para a pathologia os casos — raros segundo elles — em que esta é incontestavel; ou a lançam á conta de effeitos e resultados da repressão penal.

Uns e outros são unanimes em accusar a sociedade como a unica responsavel, como a exclusiva origem dos factores da delinquencia.

Sucedeu portanto com os socialistas e anarchistas o mesmo que acontece a todos os que pretendem combater e evitar um exaggero -- proclamam e abraçam o radicalmente opposto.

É certo, porém, que a verdadeira doutrina tem de reconhecer a interferencia complexa de factores varios na eclosão da criminalidade — factores cosmicos, biologicos e sociaes, segundo uma fórmula sensata e ecletica que de resto não póde applicar-se d'um modo absoluto, dado como cada caso concreto tem sempre uma etiologia propria em que predominam causas d'um ou d'outro d'esses grupos.

Embora não possa contestar-se a enorme superioridade das causas sociaes, que o socialismo e a anarchia

tiveram o innegavel merecimento de pôr bem em fóco, são tambem factores importantissimos o elemento cosmico e o biologico.

E o exclusivismo social dos apóstolos da nova idéa em materia de delinquencia só póde explicar-se como expediente de propaganda, porque relegar para a sociedade a culpa de todos os crimes, apontá-la como a causa unica de toda a criminalidade, constitue côm effeito um dos mais suggestivos e formidaveis argumentos contra ella e justifica todos os ataques e todos os propositos de largas e profundas reformas sociaes.

Mas como quer que seja, por mais predominante que se considere a acção dos factores sociaes é certo que nem por isso o papel da degenerescencia na criminalidade se dilue e apouca. Um grande numero de delinquentes são degenerados authenticos e, quando muito, haverá motivos para discutir se a sua degenerescencia deve imputar-se mais ás pessimas condições sociaes em que vive a maioria da humanidade do que a causas de outra ordem qualquer.

Devemos no entanto reconhecer — e neste ponto não duvido de comprometter desde já a minha opinião — que a prophylaxia util e efficaz da degenerescencia não póde de modo algum esperar-se dos meios palliativos que se encontram indicados em quasi todos os escriptos da especialidade. Estes poderão quando muito pôr-se em prática num ou outro caso particular, servir em determinadas hypotheses, mas não conseguiremos assim vêr deminuir de modo muito sensivel a proporção enorme das degenerescencias.

Semelhante resultado só se attingirá com a implantação gradual e successiva das reformas sociaes, cujo advento tão ardentemente preconizam os mais avançados sociologos modernos, mas cujo exito tão desastradamente está sendo prejudicado pelos allucinados sectarios da propaganda pelo facto.

Se as instituições sociaes são uma pesada violencia para as classes opprimidas, não é respondendo ao desatino com o desatino que ha de mudar-se e revolver-se o existente. A revolução mesmo offerece o perigo — difficil de evitar — de substituir no predomínio mais ou menos despotico umas classes por outras, sem beneficio real para o conjuncto da humanidade.

É sobretudo na evolução que devemos confiar, e só ella poderá garantir o exito progressivo e libertador das modernas tendencias reformadoras. Neste sentido se exprime o professor sr. dr. BASILIO FREIRE nas ultimas paginas do seu estudo sobre *Os degenerados*, e tal é a fórmula que nos suggere a observação de todos os phenomenos da biologia.

Dentro dos limites da historia, da literatura e da arte, a theoria da degenerescencia tem, como em psychiatria e em criminologia, numerosas applicações. Vimos já como ha muitos seculos ARISTOTELES explicava a superioridade intellectual, falando de *desequilibrios de temperamento*, e até a propria expressão de *anormaes* fôra empregada pelo STAGIRITA (1). Pertence contudo a investigadores modernos a gloria de iniciarem novos processos de critica historica, que permitem demonstrar a existencia de estados degenerativos em muitos dos grandes vultos do passado, philosophos ou capitães illustres, poetas ou imperadores, sabios, apostolos, santos ou heresiarcas.

As mais heraldicas genealogias, a obra dos mais olympicos heroes, as escolas e tendencias em literatura e na arte, o *Flos Sanctorum*, toda a historia politica, religiosa,

---

(1) J. SOURY, loc. cit., pag. 225.

científica e literária em summa, se illumina ao vivo clarão da nova luz que irrompe. Muitos problemas se esclarecem, muitas duvidas se dissipam, muitas difficuldades se aplanam na sondagem retrospectiva dos documentos humanos, sob a egide segura e forte dos estudos da degenerescencia, assim dilatada e diffundida em todas as direcções.

O advento da psycho-physiologia normal e pathologica como methodo de critica historica deve-se principalmente a LÉLUT, que pela primeira vez o realizou com notavel rigor scientifico no seu livro intitulado «Du démon de SOCRATES, spécimen d'une application de la science psychologique à celle de l'histoire, augmenté de mémoires sur les hallucinations et sur la folie» publicado em 1836 (1).

Já anteriormente (1834) LEURET preconizára e utilizára o mesmo methodo nos seus *Fragments psychologiques sur la folie*. Depois, em 1845, lançou CALMEIL um trabalho muito mais completo: *De la folie considérée sous le point de vue pathologique, philosophique, historique et judiciaire*, no qual o problema é considerado nos seus multiplos e variados aspectos.

Um certo numero de homens celebres fôram assim friamente passados á fieira d'uma critica nova e cheia de ensinamentos, que esbateu e diluiu o halo deslumbrante que os nimbava aos olhos offuscados da gente profana. SOCRATES, TASSO, PASCAL, ROUSSEAU, SWAMMERDAM, VAN HELMONT e SWEDENBORG fôram os primeiros sobre quem recaíram as mais immediatas investigações.

A mesma via foi trilhada logo depois por MOREAU DE TOURS na sua obra *La psychologie morbide dans ses rapports avec la philosophie de l'histoire ou de l'influence des*

---

(1) Cit. por J. SOUVY, loc cit., pag. 558.

*neuropathies sur le dynamisme intellectuel* (1859). Muitos outros trabalhos especiaes se publicaram sob esta orientação, entre os mais recentes dos quaes podemos citar o de J. SOURY, *Jésus et la Religion d'Israël*, e, para referir em ultimo logar o mais importante e o que maior ruido levantou em torno do seu auctor, o *Homem de genio* de LOMBROSO.

Além d'isso, a degenerescencia surge ainda nos documentos da literatura e da arte sob um outro aspecto, nas personagens que os auctores nos pintam como degenerados, com um conjuncto de caracteres sem os quaes não poderiam incumbi-los dos mais emocinantes lances dramaticos. Exemplos d'estes se encontram numerosos em todas as obras de SHAKSPEARE, SCHILLER, IBSEN, GABORIAU, SARDOU, VICTOR HUGO, ZOLA, TOLSTOI, BOURGET, D'ANNUNZIO, CAMILLO, EÇA DE QUEIROZ, ABEL BOTELHO, etc.

E é finalmente pela degenerescencia que se explica a orientação esthetica e philosophica de certas escolas e conventiculos, ou simplesmente d'alguns homens cuja obra pessoal exerceu uma larga acção, avassalladora e morbida em larga escala, nos espiritos da epocha.

A melhor demonstração do influxo dos estados degenerativos sob este ponto de vista encontra-se no trabalho de MAX NORDAU intitulado *Dégénérescence*. É um livro audacioso, cheio de sadia e humoristica originalidade, um pouco excessivo de desdem, acaso faccioso em relação a certas personalidades, falso em vêr degenerescencia pura e simples em muitos casos que a implicam associada a uma forte dóse de neurasthenia — particularmente pelo que respeita a um grande numero de *symbolistas*, *diabolicos decadentes* e *préraphaelistas*, os grupos artisticos de feição mais retintamente impregnada de impotencias neurasthenicas, que cada um pretendia

disfarçar e colorir a seu modo na sobranceria estolida de theorias d'arte adaptadas ao exclusivo uso pessoal (1).

Apesar d'isso, porém, a obra de NORDAU subordina-se a um estricto e salutar criterio scientifico, servido por uma vasta erudição e por uma linguagem eloquente, lucida, pintoresca e mordaz, brutal ás vezes; de modo que as suas deducções resultam, suggestivas e vigorosas, atravez d'uma logica em que a subtileza e a astucia difficilmente se vislumbram.

A doutrina da degenerescencia foi portanto dilatando a sua esphera d'acção, insinuando-se e progredindo no seu movimento de expansão atravez da psychiatria, da criminologia, da historia, da literatura e da arte, ao mesmo tempo que o proprio conceito procurava depurar-se e definir-se. Essa mesma invasão por territorios alheios deu porém origem aos primeiros abusos a que ella serviu de pretexto — velho obice em que esbarram invariavelmente as mais honestas e bem intencionadas iniciativas.

Toda a causa justa, todo o systema triumphante

---

(1) A mais curiosa e extranha theoria é a de STÉPHANE MAL-LARMÉ, que chegou a vêr-se rodeado d'uma verdadeira cõrte de adoradores sem ter dado a mais insignificante prova das suas aptidões poeticas e que proclamava que era impudico e deshonesto *publicar-se* em documentos literarios. Comparava a publicidade a um vicio, ou, peor ainda, a uma psychopathia sexual, ao *exhibicionismo*, prégando assim uma doutrina que se ajustava, sem fazer rugas, á sua propria individualidade singularissima, sem duvida para se justificar aos olhos esgaseados da multidão dos symbolistas, que viam nelle um feitiço, e o celebravam como o grande poeta, o unico, o mestre incomparavel. Elle mesmo, porém, se incumbiu de transgredir os preceitos da sua theoria, editando alguns versos que fõram um golpe fatal nas radicadas esperanças dos seus amigos. (MAX NORDAU, loc. cit., pag. 228 e seguintes).

corre o perigo de encontrar cabeças estouvadas e espiritos mal firmes sempre dispostos a vêr as coisas demasiado pela rama, ou a interpretar os textos num sentido exclusivamente literal, viciando assim muitas vezes desde a origem uma escola nascente, prejudicando-a pelos excessos de sectarismo desatinado e intolerante.

A degenerescencia não poude fugir a este escolho, sobretudo preparado por advogados e homens de letras. Os advogados, no desespero de pleitear e protejer interesses de criminosos de toda a especie, lançam mão, ás vezes bem pouco escrupulosa, dos elementos que a sciencia acaso lhes offereça, tratando as questões biologicas bastante á matroca, estropiando principios que as mais pacientes e demoradas locubrações dos investigadores conseguiram estabelecer.

Sem preparação que os guie como naturalistas, não duvidam em tratar de assumptos que exigem uma solida educação especializada, por assim dizer technica, e d'ahi resulta a avariada e ambigua divulgação de principios que só se tornam subversivos e perigosos nas mãos das mediocridades sem cultura.

Os homens de letras e os jornalistas por seu lado, com um zelo que só se attinge quando se porfia num mau intento, têm sabido desempenhar-se menos mal da tarefa de tornar malquistos e suspeitos muitos homens de real talento, atirando-lhes com o epitheto de *degenerados* num gesto cheio de desdem, na furia iconoclasta que é a característica mais assignalada da critica contemporanea.

Entre nós, como bons meridionaes que nos prezamos de ser, as doutrinas applicam-se *à la diable*, com toda a exaltação peninsular, e d'ahi resulta que quasi todos os homens cujas aptidões intellectuaes se elevem acima do vulgar não conseguem attingir a celebridade sem a nota malevola de degenerescencia, imposta em nome d'uma critica desnorteada e barbara, quer nas columnas

dos jornaes noticiosos e das revistas literarias, quer nas palestras de ociosos descontentes.

A vulgarização assim dirigida entre leigos por individuos extranhos ao puro cultivo scientifico, apenas impregnados de meias leituras mal digeridas, é um pessimo serviço que nada utiliza á critica honesta e imparcial, e constitue embaraço sério a todo o esforço intelligente, pela suspeição que lança sobre todos os homens superiores.

As polemicas jornalisticas sobre casos medico-legaes de sensação e a apreciação leviana da obra de personalidades cheias de talento e de bons propositos, deram em resultado a mais confusa diffusão de idéas falseadas, tornando se banaes em bôcas de leigos as expressões de degenerado, louco, desequilibrado, epileptico, criminoso-nato, matoide, larvado, e outras semelhantes.

Um sabio proclama um dia que o genio é uma neurose. Os plumitivos tomam a affirmação muito ao pé da letra, sem a penetrarem bem no seu significado e no seu conceito, e derramam-na a proposito de tudo sobre as cabeças distrahidas do grande publico, e o grande publico, refeito da natural surpresa do primeiro momento, fica sabendo que os grandes homens, os intellectuaes, aquelles em quem deviam confiar os seus destinos, a sua administração, a sua arte, os seus interesses geraes, os multiplos problemas da sua vida collectiva em summa, — são simplesmente neuropathas, doidos mais ou menos authenticos.

E as multidões incultas, que se tinham habituado a considerar como doidos apenas os lapidarios e sandeus da via publica, passaram a suspeitar tambem d'aquelles que estão naturalmente indicados para dirigí-las e educá-las. Num arrepio atavico de superstição, o vulgo, não comprehendendo a doutrina, porque ella lhe chegou já avariada e disforme, começou a vêr nas manifestações superiores do verdadeiro talento simples symptomas de loucura, ou despreziveis anomalias degenerativas.

Tenderia mesmo a estabelecer-se um estado de contínua suspeita em face de tudo o que se afastasse das normas da banalidade, porque a massa anonyma, que imaginava as psychopathias como susceptiveis de só se manifestarem por uma symptomatologia ruidosa, começou a crêr que ellas se occultavam latentes em todos os homens superiores, sendo, como as molestias a que allude a canção francêsa:

«..... des maux qu'on ne voit  
«Que lorsqu'ils se manifestent.»

Inutilmente um ou outro visado protesta contra o qualificativo, que esse mesmo protesto, se é violento ou reiterado, lhe é também levado á conta da propria degenerescencia.

Eleonora Duse lamentava-se um dia a um dos nossos primeiros dramaturgos de não conhecer na literatura de nenhum pais uma peça cuja acção se desinvolvesse em torno de uma personagem equilibrada, normal, porque queria incarnar esse papel. «Dizem que eu sou hysterica e que toda a força dramatica do meu trabalho em scena me resulta da hysteria. É falso, e prová-lo-ia á evidencia se me offerecessem uma figura sadia e sem caracteres neuropathicos para interpretar». Querendo proporcionar á insigne italiana o ensejo de fazer a prova do seu equilibrio, o illustre escriptor preparou um drama eivado de mysticismo, em que o papel a ella destinado contrariava abertamente os intuitos da grande actriz — porque, com ser sereno e calmo, não deixava de implicar forte porção de sentimentos doentios, faceis de integrar no quadro da melancolia (1).

---

(1) O drama não chegou a ser vertido para italiano nem Eleonora Duse pensou mais, creio eu, em o representar. De resto, a inver-

Claro que a Duse sonhava quando pretendia incarnar uma personagem normal. Um drama com taes requisitos seria ultra-banal e insipido, e o papel em que ella queria ensaiar a sua sanidade nervosa poderia com melhor vantagem entregar-se á mais humilde costureira, que não o desempenharia peor.

É muito curioso este contraste: ao passo que em geral as pessoas de merecimentos reaes se insurgem contra o epitheto de degenerados e d'elle se defendem como d'uma nota infamante, os mediocres ao contrario decoram-se de neuropathias pomposas, pavoneiam-se de neuroses estranhas que não possuem, como se tudo isso fôsse documento indispensavel e bastante para justificar os direitos á sua consagração como talentos de primeira grandeza.

Esta preocupação é uma inferioridade que ao mesmo tempo denuncia falhas de espirito nos que a ostentam e revela que estes suppõem a opinião publica de tal modo impregnada da idéa de vicios degenerativos nos intellectuaes, que não acceita como taes os individuos de actividade equilibrada e sadia.

Neste pintoresco meio coimbrão, tão original e tão fecundo a todos os respeitos, abundam os mais comprovativos exemplares da nossa these. D'um me recorde, por assim dizer typico: moço robusto, de face crestada pelo sol d'um clima insular, equilibrado de nervos e vigoroso de musculatura, dividindo-se entre o gymnasio e os livros, foi durante os primeiros annos de vida academica o simples bom rapaz, intelligente e forte, estimado e apreciado de todos. Um dia abandonou o gymnasio e metteu-se a literato; e não se julgou completo

---

simil contextura dos caracteres nelle esboçados, sem ao menos a compensação d'uma bella e harmoniosa realização artistica, explica-nos o insuccesso que esse trabalho teve perante o nosso publico.

senão deixando cabelleira que chegou a usar monstruosa; embrenhando-se em orgias de bohemio incorrigivel que lhe fizessem o rosto esqualido dos grandes torturados — á VERLAINE; ostentando um desdem olympico pelos *barbaros*, pelos *outros*; convencendo-se de várias debilidades phisicas, de contradictorias fraquezas organicas a par d'uma hypertrophica superioridade mental; adoptando, enfim, vicios psychopathicos que a ausencia de taras morbidas de nenhum modo justificava e não fugindo mesmo a cantá-los, numa ancia de celebridade, em bellas rimas sonoras que só se resentiam d'uma enorme falta de sinceridade e de . . . moral.

Uma salutar e honesta reacção se operou mais tarde; o falso doente reconheceu que podia muito bem ter ao mesmo tempo talento e saude, e é hoje um optimo exemplo de como estes dois preciosos bens se podem reunir num só individuo.

Em summa, devido á vulgarização de *meia-ciencia*, mesmo entre plumitivos, preparou-se um estado de coisas que ia já produzindo despropositos e contradicções desastrosas. Trata-se por exemplo de prejudicar um nome, uma reputação? Nesse caso, que o primeiro critico invoque um estado degenerativo, e toda a gente acreditará que aquelle intellectual é um epileptico, um neuropatha sem valor nem merecimentos.

Ao contrario, em face d'um caso medico-legal relatado conscienciosamente por profissionaes de competencia estribada em muita observação e em muito estudo, as mesmas pessoas não duvidam em desacatar o diagnostico feito scientificamente por technicos cheios de auctoridade. A absolvição d'um reu ou uma sentença de interdicção apavora a maioria inculta, e se para qualquer d'estes resultados concorre a opinião d'um psychiatra, acham muito simples clamar contra ella e contra o auctor.

Quer dizer: no primeiro caso, todo o mundo julga e decreta estados degenerativos; no segundo, a todos parece que o alienista exaggera e abusa.

Foi portanto um pessimo serviço essa má vulgarização de noções avariadas, porque as sociedades progridem sob a influencia da acção creadora, directriz, propulsiva dos intellectuaes, e esta só é possivel quando as multidões confiêm na sua sanidade mental. Imagine-se um homem publico, cheio de talento, bom patriota, honesto e trabalhador, decidido a moralizar toda a administração do seu país; duas linhas de prosa, com a referencia a um nome illustre na psychiatria invocado por um anonymo pouco mais de imbecil, serão o bastante para estorvá-lo seriamente.

Se a nota predominante dos seus actos é uma enèrgica vontade, que a nenhum obstaculo se dobra, ou uma irreductivel intransigencia diante de tudo o que seja fraude, incuria, ou torpeza nos negocios publicos, a tarefa demolidora dos *jornalistas de combate*, como elles orgulhosamente se appellidam, simplifica-se em extremo: esse homem será apresentado como epileptico, a sua força moral chamar-se-á teimosia, amor proprio ou orgulho morbido, e a sua probidade será levada á conta de uma phobia ou d'uma obsessão.

Se acaso na vida publica não se colhem elementos decisivos, vasculha-se o viver intimo, indagam-se as particularidades do recato domestico. Num país pequeno como o nosso, onde todos se conhecem e tēem uma accentuada tendencia para em toda a gente vêr exclusivamente os defeitos sem reparar nas qualidades, a empresa iconoclasta é sobremaneira facil, e de exito seguro.

A multidão, a maioria, tem de resto no seu *misoneismo* a melhor preparação, o mais adequado terreno onde sempre germinam bem as sementes venenosas do mau jornalismo, e acceita de bom grado tudo quanto tenda a deixá-la caminhar, indolente e conservadora, na via

commoda da rotina, do preconceito e da tradição. Em face do vulgo assim predisposto e desorientado por criticos inconscientes do seu nefasto papel, o homem superior surge como uma creatura perigosa, como um inimigo, ou pelo menos como um impertinente maçador.

Assim se explica o triumpho dos mediocres e dos deshonestos, que se adaptam sem escrupulos nem reservas ao sentimento da maioria dominante, que lhe lisonjeiam os gostos e os acanhados pontos de vista, sem uma idéa larga e fecunda capaz de traduzir-se em obras d'um accentuado e original cunho pessoal.

Por seu lado os superiores, magoados no seu justo orgulho, votam ás massas ignorantes um lamentavel e mal cabido desdem, como se ellas fôsem responsaveis da cegueira mental em que vivem mergulhadas, numa lastimosa abnegação de si proprias, alheias a todo o esforço de reflexão que possa mostrar-lhes os interesses geraes da sua vida collectiva. Entre a multidão e os intellectuaes interpõe-se a camada translucida dos mediocres, especie de meio optico deformante e mentiroso, atravez do qual os homens e os acontecimentos, as idéas e os factos, se avistam grosseiramente desfigurados.

A desintelligencia entre o rebanho e os que deviam ser os seus pastores não implica daltonismo ou qualquer outra dyscromatopsia em nenhum dos dois grupos: é um simples vicio de refringencia cuja integral e exclusiva responsabilidade cabe aos maus fazedores de critica, ás mediocridades mais ou menos cotadas.

Assim vivem deploravelmente divorciados os superiores e o vulgo, odiando-se reciprocamente, cordialmente. É banal ouvir-se aos homens de talento: — que têm um altivo e soberano desprezo *pelos outros*, pelo *philistino* obtuso e boçal, de que nos fala NORDAU (1).

---

(1) *Psycho-physiologie du génie et du talent*. 2.ème éd. da trad. francêsa. Paris, 1898, pag. 1 e segg.

Pois bem: esse soberano desprezo só tem igual no desprezo que o philistino galhardamente consagra aos intellectuaes.

É a eterna desavença cujas ruins consequencias o romano tão lucidamente pôs em relevo no apologo com que ha seculos teve de arengar á turba sublevada, no bivaque revolto do Monte Aventino.

Producto do habito, falho de phantasia, razoavel, prendado com todas as virtudes da mediocridade, vivendo honradamente graças á moderação das suas exigencias, de concepção tarda, arrastando numa commovedora paciencia o fardo dos preconceitos herdados, (1) — o philistino, que não póde prescindir dos homens cuja mentalidade superior deve supprir as suas deficiencias, é para estes a alavanca, a machina de trabalho sem a qual não poderiam realizar-se os mais uteis emprehendimentos. Uns e outros são collaboradores indispensaveis na obra do progresso humano, e urge reconciliá-los para que o seu esforço synergico seja productivo e fecundo.

A velha intriga poderia medrar á sombra da confusão lançada pelos inconscientes vulgarizadores da degenerescencia. A situação creada por estes maus obreiros da civilização é mais um exemplo eloquente do cuidado, que sempre deve pôr-se na propaganda das verdades scientificas. Deixá-las transportar para a rua por toda a especie de plumitivos é um erro grave.

A sciencia precisa de ter a sua peonagem, o seu corpo disciplinado de bons e valerosos soldados, que espalhem, depuradas e sem joio, as suas definitivas e incontrroversas acquisições, que só assim podem fertilizar em larga cópia de sadios resultados. Ao homem superior não é licito descurar este meio de se relacionar com o

---

(1) Dr. TARDIEU, in-*Revue philosophique*. 1900, pag. 1.

philistino, de o interessar pelas suas idéas, pelos seus projectos, pelas suas locubrações.

Como quer que seja, a confiança está abalada. É indispensavel estabelecê-la em bases seguras e perduraveis, sem recorrer a sophismas nem a artificios dialeticos que nunca são meio honesto e solido de fazer vingar uma doutrina e que ás vezes um esforço ligeiramente hostile basta para dismantelar. O caminho seguido por um certo numero de escriptores — que negam a degenerescencia dos homens de talento e explicam a superioridade mental lançando hypotheses alheias á pathologia — é portanto uma via falsa e artificiosa. Vejamos porquê.

A. CHARPY falando da estructura dos centros nervosos, previne-nos de que é impossivel penetrar os mecanismos cellulares para lhes reconhecer o valor, separar as anomalias retrogradas que são estigmas da degenerescencia, das anomalias de fôrma antecipada que são um progresso, e distinguir o louco do homem de genio (1).

Segundo esta opinião, portanto, a superioridade intellectual nada teria com a degenerescencia, mas seria afinal uma *anomalia*, embora de *fôrma antecipada*, impossivel de distinguir dos estados degenerativos authenticos. CHARPY pretende que o genio não seja uma degenerescencia, mas confessa que os *super-humanos* não podem distinguir-se dos degenerados.

A. REGNARD enuncia uma these identica que, em re-

---

(1) In-P. POIRIER et A. CHARPY, *Traité d'anatomie humaine*, t. III, pag. 4. Nas considerações que venho fazendo tenho em vista o genio e o talento, porque a ambos podem applicar-se sem necessidade de distincções, aliás difficeis de estabelecer. Da mesma fôrma procede o professor J. GRASSET no seu opusculo *La supériorité intellectuelle et la névrose*. Montpellier, 1900.

sumo, considera o genio como o resultado da perfeita organização cerebral, constituindo a expansão suprema das forças organicas, a essencia e a quintessencia da Natureza e da Vida (1). Reconhece no entanto que o destino dos povos foi ás vezes guiado por mãos de alienados, mas affirma que estes nada tinham de commum com o genio, e entende que certos heroes do fanatismo religioso só puderam influir na marcha da humanidade explorando-lhe os mais inferiores instinctos.

Ora se nós descontassemos, na galeria dos heroes da humanidade, os que d'uma ou d'outra fórma patentearam a sua degenerescencia, nada ficaria para constituir o grupo, tal como o pretendem definir REGNARD, CHARPY e outros. Bem preocupado se mostra J. GRASSET em rehabilitar os homens superiores aos olhos da multidão, e no entanto considera-os degenerados, na quasi totalidade, declarando que nelles se encontram muito frequentemente, mesmo quasi sempre, os signaes d'uma neurose mais ou menos caracterizada, taras neuropathicas mais ou menos graves, um estado anormal do systema nervoso (2).

O sábio professor de Montpellier, vendo nesta affirmativa a simples constatação d'um facto scientifico, insurge-se contra os que vêem na superioridade intellectual uma consequencia, um effeito, um symptoma de neurose, impugnando as theorias de MOREAU DE TOURS, de LOMBROSO e a de RÉVEILLÉ-PARISE. Isto é: não acceita de MOREAU, que o genio seja uma neurose; nem de LOMBROSO que elle seja uma neurose particular, a epilepsia; nem de RÉVEILLÉ-PARISE que a superioridade intellectual e a neurose se liguem e interdependam mas

---

(1) *Génie et Folie. Réfutation d'un paradoxe.* Paris, 1889, pag. 163.

(2) J. GRASSET, *La supériorité intellectuelle et la névrose*, pag. 48.

numa relação inversa, sendo a neurose consequencia e não causa. GRASSET, rejeitando todas estas fórmulas, acha uma outra, que se póde condensar do modo seguinte:

A superioridade e a neurose não se ligam no mesmo individuo senão pela origem commum. Este tronco commum é um temperamento e não uma doença. D'elle se destacam ramos de vigor e aspecto muito differentes: um enfezado e doentio — é a neurose; outro vigoroso e robusto — é o genio.

Na mesma pessoa certos centros nervosos podem desinvolver-se com uma soberba floração, ao passo que outros estiolam e tornam-se doentes. Por outras palavras: quando um homem fôr ao mesmo tempo neuropatha e superior, elle será neuropatha por uma zona do seu systema nervoso e superior por outra.

Enfim, o genio não é uma neurose; esta é ao contrario o *ranço* do genio. A superioridade intellectual não é um symptoma de neurose; esta é antes a *chaga*, a complicação da superioridade. A neurose não é a causa — é o obstaculo (1).

Portanto, na opinião de GRASSET, o genio e a neurose seriam como dois irmãos gêmeos enxertados num terreno commum: o *temperamento nervoso*. O individuo nervoso, diz elle, vive *como nervoso*, mesmo quando de saude, e por outro lado realiza neuropathias mais frequentemente que os outros, ou apresenta mais facilmente a fórma nervosa das doenças de que soffra.

Ora o temperamento nervoso invocado sob este aspecto por GRASSET vale bem por uma predisposição morbida. Se d'elle dependem ao mesmo tempo a superioridade intellectual e as neuropathias; se nós ignoramos o mechanismo íntimo, que num caso conduz ao

---

(1) J. GRASSET, loc. cit, pag. 63.

genio e noutro determina um simples neuropathia; se na grande maioria dos casos as duas determinações se associam e se influem mutuamente, embora muitas vezes possamos dissociar sufficientemente o que pertença a uma e á outra; — nenhuma razão subsiste para reconhecermos natureza diversa nem ao mesmo identico terreno em que ambos medram, nem ao determinismo de que ambas resultam. Não é licito portanto considerar como morbidas as neuropathias e como physiologico o genio.

O proprio GRASSET, depois de se exprimir como vimos, encerra o seu trabalho dirigindo aos seus *queridos nervosos* palavras que desmentem um pouco as suas primeiras affirmativas: não vos lamenteis, escreve elle, porque estaes em muito boa companhia na legião nervosa. Não é nada humilhante o ser nervoso, nem é nervoso quem quer. Só os imbecis poderão lastimar-vos. Do alto da vossa *torre de marfim* deplorae-nos a nós os mediocres, que somos sadios e procuramos trazer-vos para o nosso rebanho por meio das drogas e das medicações. Nós só temos a saude para nos consolarmos e estamos reduzidos á ventura do Evangelho: «*Beati pauperes spiritu . . .* parce qu'ils se portent bien.» (1)

Quer dizer: o illustre professor, filiando as neuropathias e o genio no mesmo terreno, no mesmo *temperamento*, consignando que este anda em regra associado áquellas, e acabando por estas palavras de conforto aos neuropathas, fica a tão pequena distancia de reconhecer a origem degenerativa da superioridade mental, que talvez não fôsse grave desacôrto attribuir-lhe esta opinião íntima.

Vê-se contudo que GRASSET se interessa demasiado

---

(1) J. GRASSET, loc. cit., pag. 64.

em não malquistar os intellectuaes com o philistino, e é porventura esse o unico motivo das suas reservas.

Tal é tambem de certo o motivo que tem guiado todos os que participam do mesmo modo de encarar a questão. E no entanto elle não tem razão de ser, porque a reconciliação entre os superiores e o philistino consegue-se bem dentro do campo da mais rasgada lealdade. Não achamos inconveniente em vêr a degenerescencia nas manifestações da mentalidade superior, nem é perigoso dizê-lo á multidão.

A sciencia nunca é subversiva quando as suas verdades descem á rua sem as roupagens grotescas e absurdas, que lhes empresta a mediocridade triumphante e inepta; e se, diffundidas pela palavra honesta dos competentes, ellas agitarem a massa dormente dos philistinos, — tanto melhor para o progresso da humanidade.

No capitulo em que se discute o conceito da degenerescencia veremos como por toda a especie de considerações se póde concluir que a superioridade mental traduz um estado degenerativo (1). Por agora basta assignalar que o homem de talento assim encarado não deve ser uma creatura suspeita para o vulgo nem um objecto de feiticismo limitado ao congresso restricto dos

---

(1) Um dos estudos mais completos e mais demonstrativos da degenerescencia nos intellectuaes é o que MANDOLFO publicou ácerca do escriptor italiano FRANCESCO DOMENICO GUERRAZZI (*Archivio di Psichiatria, Scienze penali ed Antropologia criminale*, vol. XXI, fasc. IV-V. Torino, 1900, pag. 373). É um trabalho consciencioso a todos os respeitos, porque até a nota caustica e o commentario maldoso, tão avessos á indole dos escriptos d'esta ordem e infelizmente tantas vezes explorados em detrimento da probidade scientifica, — esses mesmos fôram meticulosamente evitados.

que o rodeiam e mais ou menos o comprehendem, mas ao contrario um alvo de attenção respeitosa e de expectativa benevola por parte da maioria inculta.

Dizer que o genio ou o talento é uma degenerescencia não significa de modo algum que os homens superiores sejam creaturas despreziveis ou perigosas, nem deve assustá-los como injuria deprimente.

A discussão das idéas de CH. FÉRÉ, nas ultteriores paginas d'este livro, dar-nos-á ensejo de mostrar como, mesmo no caso d'uma *anomalia de fôrma antecipada*, consoante se exprime A. CHARPY, a superioridade mental traduz perturbações embryogenicas mais ou menos profundas e é já em si um signo degenerativo.

Comprehende-se que elle numa ou outra hypothese possa ser o unico e ficar desacompanhado d'outros em todo o decurso da vida do individuo, que então reunirá talento e saude, numa alliança feliz e perduravel. Isso porém é muito excepcional.

Supponhamos com effeito um homem dotado de grandes aptidões mentaes e utilizando-as num trabalho intensivo, extenuante (1). Os syndromas neuropathicos raro deixarão de apparecer como consequencia do esforço intellectual, do esgôto e da fadiga nervosa inherente a todo o excesso funccional.

---

(1) É sabido que a perfeição e o predomínio morphologico d'um orgão cria solicitações imperiosas para o exercicio da respectiva funcção. Um dos melhores estimulos está no prazer physiologico que resulta do acto realizado. É uma velha lei muito conhecida em relação ás funcções genesicas e digestivas, mas que é igualmente exacta em physiologia nervosa, e attinge portanto o homem de superior organização cerebral. Este será naturalmente levado aos abusos de actividade mental como outros se inclinam para os excessos da mesa ou dos prazeres sensuaes.

Quer dizer: realizar-se-á então o mechanismo invocado por RÉVEILLÉ-PARISE — a neurose virá como consequencia da superioridade. Já SAINTE-BEUVE disse que o homem de letras não escreve sómente com o seu pensamento, mas tambem com o seu sangue e com os seus musculos.

É positivo que a vida mental até nos individuos equilibrados e sadios tende sempre a provocar perturbações neuropathicas a que muitos d'elles escapariam se se limitassem ao viver sereno do philistino vulgar. Os casos de homens superiores sem tara de neuropathia são pois tão ráros, que não é licito argumentar com elles; e até esses na descendencia revelam quasi sempre o seu desequilibrio biologico em productos francamente degenerados, se uma alliança feliz não conseguir oppôr-se á marcha progressiva do desmantelamento organico a que CH. FÉRÉ dá o titulo suggestivo de *dissolução da hereditariedade* (1).

A superioridade mental é portanto uma anomalia degenerativa em regra acompanhada de syndromas vários, que não podem deixar duvidas no espirito dos mais meticulosos.

Mas por isso mesmo o nosso olhar deve ser cheio de sympathia e de bondade para essas estranhas figuras, cujo unico mal está em *verem* melhor que os outros e cuja unica desgraça consiste em se devotarem ao bem da maioria irreverente e desagradecida.

O homem superior póde ter obsessões, phobias, excentricidades de toda a especie, parecer mesmo um egoista feroz na sua vida intima ou um louco moral em

---

(1) *La famille névropathique*, 2.ème éd. Paris, 1898; *L'instinct sexuel, évolution et dissolution*. Paris, 1899.

face das multidões, e a sua obra ser todavia logica, harmonica, ponderada e honesta. O philistino razoavel uma só coisa tem o direito de exigir-lhe — é moralidade, mas moralidade na mais larga e elevada accepção da palavra.

É pela sua obra que elle deve ser julgado e não pelos desequilibrios degenerativos da sua organização. É exactamente pela fenda degenerativa que entra a luz divina do pensamento, e é o seu requintado dynamismo nervoso que faz d'elle um ser votado ao sacrificio pela causa collectiva, pelos interesses do philistino madraço.

Os progressos da psycho-physiologia não podem realizar-se, é certo, sem a analyse fria e reflectida dos intellectuaes em todos os seus aspectos; mas d'esta tarefa devem sempre incumbir-se os profissionaes, e o seu trabalho nunca deveria cair nas mãos inhabeis dos plumitivos estranhos á sciencia. Mostrar na praça publica a estructura intima d'um homem superior é uma verdadeira profanação, que não póde corresponder a nenhum designio sério e util.

A multidão não póde ter interesse em conhecer os resultados da analyse psychiatrica applicada aos homens de verdadeiro talento, porque d'essa fórma elles ficam despídos do prestigio indispensavel á viabilidade dos seus esforços. É uma tarefa que deve limitar-se ao circuito discreto dos profissionaes, visto que, por mais preparados que se julguem, nunca os profanos lograrão fazer obra imparcial e justa.

As paginas que vão lêr-se poderão acaso cair nas mãos ingenuas e leigas de algum facil plumitivo. Se, como resultado da sua leitura, elle ficar convencido de que a complexidade dos estados degenerativos é de molde a impôr-lhe a maior reserva de opiniões sobre a materia; se elle ficar bem possuido d'esta verdade: que

toda a superioridade mental, com ser uma degenerescencia mais ou menos clara, nada tem de infamante; se elle, enfim, corrigir um pouco as noções falsas e desordenadas que confusamente adquiriu, passando a ser mais razoavel e mais honesto na apreciação dos homens e dos acontecimentos, — darei por bem applicado o esforço que este livro representa.

A apreciação do conceito de degenerescencia será porventura um capitulo em que alguma originalidade se descubra. O auctor póde no entanto affirmar que ella não foi *procurada*, porque não foi essa a sua preocupação dominante.

Pretendeu modestamente apenas concertar a desatinada orientação de toda a gente que, bastante mediocre e impotente para trabalhar e produzir, se compraz em tolher a iniciativa dos que se sentem com estro para empresas de largo e copioso interesse colectivo.

E assim talvez concorra, com humilde parcella, para que a fortuna e a prosperidade floresçam nesta boa e fecunda Terra Portuguêsa.

---



## NORMALIDADE E DEGENERESCENCIA

O typo normal. Difficuldade de o definir: a serie progressiva do idiota ao homem normal e a *zona média*. Os criterios da normalidade: ALBRECHT — o normal é o mais animal; DURKHEIM — o normal é o termo médio; o normal é o mais racional. Não ha um criterio simples. Caracteristicas da degenerescencia: estigmas e syndromas.

A degenerescencia caracteriza-se por um conjuncto de signaes e perturbações que fazem de cada degenerado um ser *anomalo*, contrastando com a massa geral das creaturas equilibradas e sadias. As determinações degenerativas encontram-se porém reunidas e associadas de modos muito diversos em cada caso concreto, de modo que o grupo dos degenerados não constitue uma especie bem delimitada e definida, susceptivel de abranger-se numa fórmula unica, ao mesmo tempo synthetica, completa e clara.

Este obice é francamente reconhecido por todos quantos abordam esta ordem de estudos. DALLEMAGNE, por exemplo, diz-nos que, sendo impossivel dar uma definição nitida do grupo dos degenerados e desequilibrados, podemos quando muito assignar-lhe um logar na *zona média*, constituida por todos os estados intermediarios entre a saude e a doença, entre a razão e a

loucura (1). E explica-nos que as dificuldades na delimitação dependem de factores multiplos:

1.º As noções de degenerescencia e de desequilibrio estão ainda em plena evolução. Para as enunciar com precisão seria necessario possuirmos do estado normal, do estado de equilibrio, um criterio que até hoje não se descobriu.

2.º Os diversos typos degenerativos ligam-se entre si por uma serie de termos intermediarios que sobremaneira embaraçam a classificação interna do grupo em varias categorias.

3.º De degenerescencia e desequilibrio podem ter se noções distinctas conforme as características que se façam prevalecer, segundo se attenda especialmente aos caracteres biologicos ou se tome em linha de conta particularmente os dados da psychologia e da sociologia.

4.º Finalmente a variedade e o numero dos estigmas contribuem ainda para alargar mais os limites da degenerescencia e tendem a tornar mais delicada e mais difficil a demarcação das suas fronteiras (2).

O problema tornar-se-ia com effeito extremamente simples se estivessem bem assignalados os limites da normalidade humana, no triplo ponto de vista da morphologia, da physiologia e da psychologia. Tudo quanto transbordasse para fóra do campo assim nitidamente circumscripto passaria a considerar-se como anomalia atavica, teratologica ou pathologica — como degenerescencia em summa.

---

(1) DALLEMAGNE, *Dégénérés et déséquilibrés*. Bruxelles, 1894, pag. 100; e cit. do prof. sr. dr. AUGUSTO ROCHA, in *Coimbra Medica*, vol. XX, 1900, pag. 353.

(2) DALLEMAGNE, loc. e pag. cit.

Uma delimitação nitida é porém impossível. Do *idiota* mais deploravelmente mutilado e disforme ao *degenerado superior* da classificação de MAGNAN a seriação faz-se gradualmente por transições insensíveis, e a mesma regular progressão acompanha os ultimos termos da serie até aos dominios do mais puro equilibrio physiologico.

Ha um grande segmento na escala por meio do qual se realiza a passagem do anomalo para o normal e de onde precisamente deriva a dificuldade. Pretender cortar o obstaculo constituindo com esse segmento uma *zona média* interposta entre o terreno do disequilibrio bem caracterizado e o da saude manifesta, é pura illusão.

D'essa fórma duplica-se ao contrario o embaraço, pela necessidade de assignalar os contornos exactos d'essa zona média, além de que surge então outro motivo de duvidas no modo de considerar este grupo incaracteristico — bastante disequilibrado para não poder chamar-se sadio, e sufficientemente normal para não se reputar anomalo. Por toda a parte, numa palavra, a gradação insensivel das coisas da natureza, sempre a serie evolutiva em que esbarram os artificios das classificações, por melhor fundamentadas que pareçam.

Apesar de tudo varios auctores procuraram assentar num criterio que servisse para aquilatar e definir a normalidade humana.

No Congresso de Anthropologia Criminal reunido em Roma, por exemplo, expondo as suas idéas sobre a *situação morphologica do homem na serie dos mammi-feros* e sobre a *criminalidade no ponto de vista da anatomia comparada*, o dr. ALBRECHT <sup>(1)</sup> considerava como

---

<sup>(1)</sup> *Actes du Premier Congrès international d'Anthropologie Criminelle*. Rome, novembre, 1885; pag. 104 e seg.

anormal o homem honrado, e ao contrario o criminoso como um ser equilibrado e normal — porque as acções d'este se subordinam aos sentimentos egoistas, como as da maioria dos organismos.

Em resumo, a doutrina de ALBRECHT condensa-se do modo seguinte:

Todos os organismos destroem, roubam, assassinam, realizam enfim tudo o que podem a favor das suas vantagens e dos seus beneficios, sem se preocuparem com os prejuizos e desastres que dos seus actos resultam para os outros organismos. De modo analogo procedem os criminosos. Portanto os homens delinquentes actuam da mesma maneira que essa enormissima quantidade de organismos de que apenas se exceptuam os homens honestos.

Se o criminoso é anormal, como pretende a escola anthropologica, todos os organismos — menos os homens honestos — devem ser anormaes, o que seria absurdo. No ponto de vista da anatomia comparada, pois, a immensa maioria dos organismos que só actuam egoistamente é sem duvida normal, os homens criminosos são normaes e os unicos seres anormaes que existem na natureza são precisamente os homens honestos <sup>(1)</sup>.

Quer dizer: segundo ALBRECHT o criterio da normalidade estaria na animalidade — o mais normal seria o mais animal <sup>(2)</sup>.

Utilizada como criterio geral da normalidade, a fórmula de ALBRECHT levar-nos-ia a reputar como normaes exactamente os degenerados mais incontestaveis, e como anomala quasi toda a humanidade.

O professor FERRI, porém, incumbiu-se de na mesma sessão mostrar o falso e o artificioso de semelhante

---

(1) *Actes du Premier Congrès intern. d'Anthr. Crim.*, pag. 110.

(2) CONST. B DE QUIRÓS, loc. cit., pag. 136, nota.

doutrina. Explicou que normalidade e anormalidade são caracteres *relativos* e não qualidades *absolutas*. O typo normal é o que reproduz os caracteres do maior numero de individuos d'uma dada especie. O typo anormal é o que se desvia d'este.

Maioria e minoria são termos equivalentes de normalidade e anormalidade. Se é verdade que, no *ponto de vista da anatomia comparada*, o delinquente reproduz os caracteres da grande maioria dos animaes, isso significa que, no *ponto de vista da humanidade*, elle reproduz o typo bestial, enquanto que o homem honesto se afasta, physica e psychicamente, d'esse typo inferior (1).

Demonstrando, pois, o erro do criterio de ALBRECHT, FERRI propõe tacitamente o de DURKHEIM, que consiste em considerar como normal o mais frequente, o *commum á maioria*, o *termo médio* (2).

Este porém não é ainda nem razoavel nem seguro.

Em primeiro logar por que meio reconhecer os caracteres *communs* da maioria? Esse trabalho teria muito de arbitrario nos resultados a que houvesse de conduzir-nos. Poderia, é certo, adoptar-se o *systema* das médias, e constituir-se d'este modo um typo que se adoptasse como normal. Obteriamos assim um modelo ideal, caracterizado de fórma que nenhum individuo real o concretizava inteiramente. Todos se afastariam mais ou menos, e nestes desvios do typo médio novas difficuldades surgiriam quando quizessemos marcar bem onde começava o anormal.

Mas ainda isto não é tudo: applicado tal criterio a um grupo em via de franca degenerescencia, apurar-se-iam médias para um typo que de nenhuma fórma se poderia reputar normal. Nesta *hypothese* inverter-se-iam preci-

(1) *Actes du Premier Congrès intern. d'Anthr. Crim.*, pag. 114.

(2) *Const. B. de QUIRÓS*, loc. cit., pag. 136, nota.

samente os termos do problema, passando a definir-se como normal o que era pura anomalia e vice-versa. A fórmula de DURKHEIM não serve portanto.

Poder-se-ia enfim procurar definir o typo normal como sendo o *mais racional*, o *mais elevado*, segundo a phrase de QUIRÓS (1). Para isso era necessario começar por estabelecer de antemão o que deve considerar-se como o mais racional. Se houvessemos de attender ao ponto de vista do dynamismo nervoso por exemplo, iriamos realizar o typo exactamente com alguns modelos degenerativos nitidamente caracterizados. E além d'isso teriamos de reconhecer que bem poucos individuos se aproximavam da norma assim achada: os normaes seriam a excepção no meio d'uma enorme maioria de anormaes.

Vê-se portanto que um criterio simples para pedra de toque da normalidade ainda até hoje se não encontrou, o que não deve surprehender-nos. Na natureza não existe, para cada especie biologica, um estalão, um typo a que possam referir-se todos os individuos. O typo natural é uma criação do nosso espirito, é uma resultante de caracteres mais ou menos divergentes, mais ou menos semelhantes, e sempre sujeitos a oscillações (2).

O typo especifico deduz-se, pois, da concepção d'um conjuncto de caracteres apresentados pelos individuos da especie, e estes devem a sua propria distincção individual a caracteres exclusivos de cada um d'elles.

Ora sendo assim, se nenhum realiza exactamente o typo natural porque d'elle differe pelo menos nos caracteres que permittem distinguir um individuo d'outro

---

(1) Ob. cit., pag., 136, nota.

(2) C. DAVAINÉ, art. *Monstres*, in-*Dic. Encycl. des Scien. Méd.*, 2.ème série, t. IX, pag. 214.

da mesma especie; se cada um possuiue attributos diversos dos que constituem o typo conforme o concebemos; se todos, em summa, se afastam d'este por um certo numero de caracteres, — como assignar a esses desvios um limite até onde possam ir as *variações* naturaes?

Sob qualquer aspecto que encaremos a questão, por melhor que queiramos definir e caracterizar o normal, não conseguiremos encontrar uma base simples, um criterio unico que sirva para o circunscrever nitidamente e fica sempre possivel a confusão entre as *variedades naturaes* e as *variedades morbidas*.

Numa sessão da *Société Médico-psychologique* E. DALLY, discutindo a definição de degenerescencia dada por MOREL, qualifica-a de insufficiente porque é impossivel estabelecer esse typo normal da humanidade que MOREL suppõe (1). BOURDIN, em resposta a DALLY, adoptou esta sua opinião, accrescentando: que se um verdadeiro typo normal existisse, ficaria achada a solução de muitos problemas anatomicos, physiologicos e pathologicos; que possuiriamos uma definição clara e verdadeiramente typica da loucura; que tudo isso nos falta porque os typos normaes não se encontram nem no reino vegetal nem no reino animal.

Em resumo, pois, as variações individuaes dentro de limites physiologicos, compatíveis com a normalidade da especie, e as modalidades de *temperamento* e de *constituição* sem laivos de anomalia teratologica ou pathologica, formam embargo sério a quem se propusesse reduzir a um eschema nitido o typo normal do homem.

---

(1) *Annales Médico-psychologiques*, vi série, t. v, 1881, pag. 285. Vid. tambem art. *Dégénérescence* in-*Dic. Encycl. des Sciences Méd.* 1.<sup>ere</sup> série, t. 26, pag. 212 e seg.

Temos portanto de prescindir d'este ponto de partida incerto e duvidoso, e seguir noutra direcção tentando definir os desvios degenerativos por si, procurando caracterizar a degenerescencia independentemente de referencias ao typo normal.

Já vimos como MOREL não conseguiu evitar este obice, mas o seu enunciado tem a mais outros motivos de rejeição. Segundo elle a degenerescencia seria «um desvio morbido do typo primitivo ou normal da humanidade» (1).

Ora no homem primitivo, quer seja o das raças dolichocephalas de CANSTADT ou de CRO-MAGNON, quer o da raça mesaticephala ou sub-brachicephala de FURFOOZ (2) não pôde vêr-se de modo algum o typo ideal da perfeição humana. D'um modo geral, a concepção da degenerescencia partiu inicialmente da idéa d'um supposto typo primitivo perfeito para cada especie, e do qual se afastariam alguns individuos numa decadencia gradual, progressiva. Esta hypothese de origem theologica foi adoptada por BUFFON, DE MAISTRE, FLOURENS, MOREL e MARTIUS, que a utilizaram no estudo da degenerescencia humana (3).

Semelhante doutrina é um erro contra o qual depõe tudo quanto nos dominios da biologia se tem apurado em materia de seriação e evolução organica.

Noutro logar faremos uma discussão mais completa do conceito de MOREL e dos criterios que outros auctores posteriormente apresentaram como susceptiveis de fornecer melhor e mais clara definição do que seja a degenerescencia. Essa analyse tornar-se-á mais simples e mais lucida depois de conhecermos todos os caracteres degenerativos.

---

(1) MOREL, *Traité des dégénérescences*, pag. 47.

(2) Prof. dr. BASILIO FREIRE, *Os degenerados*, pag. 46.

(3) E. DALLY, art. *Dégénérescence*, pag. cit.

As determinações estaticas e dynamicas da degenerescencia são hoje englobadas sob a denominação de *stigmas*, nos textos da maioria dos auctores. DALLEMAGNE, alludindo aos caracteres essenciaes dos signaes especificos do grupo dos degenerados, diz «que estes signaes receberam o nome de stigmas» (1); e ENRICO MORSELLI exprime-se d'este modo: «Negli individui la degenerazione (ereditaria e congenita) si imprime con caratteri speciali che gli alienisti e gli antropologi chiamano *stimmate* (segni)» (2).

O emprego d'esta palavra na terminologia psychiatrica é de epocha ainda recente, mas o seu significado tornou-se rapidamente muito comprehensivo. A escola da Salpêtrière, que por assim dizer o lançou, começou por empregá-lo a proposito da hysteria numa accepção menos ampla e mais clara, de que nos dá idéa PIERRE JANET no seu estudo sobre o *estado mental dos hystericos*. Este discipulo de CHARCOT diz-nos, com o mestre, que os symptomas da hysteria, apesar de no fundo serem todos aproximadamente da mesma natureza, se apresentam contudo de dois modos differentes.

Uns são *essenciaes* e constitutivos da doença; *permanentes* e subsistem quasi sempre com os ultimos vestigios de hysteria; e por fim são de certo modo *indifferentes* ao doente, que se sente enfraquecido mas sem poder precisar exactamente o symptoma de que soffre. Outros ao contrario são *accidentaes*, como uma sobrecarga addicionada á doença, que não os exige necessariamente e póde caracterizar-se bem independentemente d'elles; *passageiros*, mais ou menos ephemeros, ou quando muito *periodicos*; e finalmente *penosos* para o doente, que os indica com precisão como causa do seu

(1) DALLEMAGNE, *Dégénérés et déséquilibrés*, pag. 171.

(2) E. MORSELLI, *Man. di Semeiotica delle Mal. Mentali*. Vol. 1, pag. 102.

soffrimento (1). Os primeiros são os *stigmas* e os segundos os *accidentes*.

Assim se estabeleceu, em relação á hysteria, a distincção entre os stigmas e outros symptomas, ficando aquelles bem definidos por um certo numero de características: os stigmas hystericos são ao mesmo tempo *essenciaes, permanentes e especificos*.

No estudo da degenerescencia, porém, o termo possui hoje um significado mais extenso. LEGRAIN, por exemplo, definiu como estigma «toda a disposição organica congenita e permanente, que tem por effeito obstar á realização regular da funcção correspondente, e destruir a harmonia biologica em que a especie encontra os meios de attingir o seu duplo fim natural de conservação e de reproducção» (2).

D'este modo já não se exige que os signaes sejam essenciaes nem especificos, e assim podem entrar na categoria de stigmas degenerativos as anomalias morphologicas, que na verdade não são essenciaes — porque o mais nitido estado degenerativo póde existir sem ellas; nem especificas — porque nenhuma serve para caracterizar seguramente a degenerescencia. Portanto, a estigmatização somatica implica um largo desvio da primitiva significação do termo.

O mesmo poderíamos dizer com respeito aos chamados *stigmas psychicos*. MAGNAN chama-lhes tambem *syndromas episodicos*, expressão que deveria conservar-se como mais propria e inteiramente adequada.

Com effeito, se é certo que muitas d'essas anomalias mentaes são verdadeiramente *especificas*, a ponto de

---

(1) Cit. in DALLEMAGNE, *Dégénérés et déséquilibrés*, pag. 172.

(2) DALLEMAGNE, *Dégénérés et déséquilibrés*, ibid.

atingirem uma significação *pathognomonica* dentro de alguns grupos degenerativos, é igualmente exacto que nenhuma d'ellas é, em rigor, nem *essencial* nem *permanente*.

Basta reparar no quadro dos syndromas de MAGNAN (1), para desde logo reconhecer que um degenerado pôde apresentar-se com uma symptomatologia bem completa, e no entanto está sempre muito longe de manifestar todos os syndromas. Por outro lado é frequente no mesmo individuo succederem se e substituirem-se as anomalias psychicas, dando uma feição accentuadamente *polymorpha* e vária á evolução da degenerescencia nos diversos casos clinicos.

Um individuo que em dado momento seja um pervertido sexual, por exemplo, pôde ter apresentado desde a infancia e em tempos successivos uma serie ininterrupta d'outros syndromas, e ter sido kleptomaniaco, pyromaniaco, dipsomaniaco, etc. Um doente de MAGNAN, que vem citado em várias monographias, era kleptomaniaco aos cinco annos, aos seis annos começava a vêr um attractivo irresistivel na nudez masculina, depois tornou-se arithmomaniaco, teve ainda uma fórma de onomatomania, e ultimamente continuava sendo um pervertido sexual (2). Um outro mencionado por LEGRAIN começou por ter o terror das pontas — *aichmophobia* — e era por ultimo um *abulico* (3).

Por isso mesmo o nome de *syndromas episodicos*, empregado por MAGNAN, era a mais apropriada designação para estes «*caracteres variaveis, numerosos, essencialmente mudaveis e transitorios*» (3). Elle proprio,

---

(1) In HENRI COLIN, *Essai sur l'état mental des hystériques*. Paris, 1890, pag. 57.

(2) DALLEMAGNE, *Dégénérés et déséquilibrés*, pag. 182 e 183.

(3) DR. M. LEGRAIN, *Du délire chez les dégénérés*. Paris, 1886, pag. 67.

porém, apesar de lhes assignar taes particularidades, não teve duvida em lhes chamar tambem *stigmas psychicos* da degenerescencia (1). Ora se é incontestavel que elles pelo seu aspecto clinico são muitissimo differentes entre si, se não pôde negar se que são mudaveis, ephemerous, é egualmente exacto que se impõem com um certo numero de caracteres geraes, que permitem aproximá-los uns dos outros.

Os syndromas episodicos, mau grado a sua fórma clinica heterogenea, são no fundo reductiveis aos mesmos elementos essenciaes, que lhes dão uma unidade indiscutivel, e ao mesmo tempo em parte justificam para elles o nome de stigmas psychicos. Depois de conhecermos os seus multiplos aspectos, veremos como pela analyse do seu conteúdo conseguimos este *desideratum*.

O que não se justifica tão facilmente é a designação de *stigmas etiologicos* empregada pelo sr. professor BOMBARDA (2), a não ser pela fragil utilidade de uniformizar a linguagem da pathologia mental, chamando stigmas a tudo quanto haja de considerar-se nos capitulos de etiologia e symptomatologia da degenerescencia. Não pôde esta razão reputar-se bastante, e o termo deve conservar-se alheio ao vocabulario em assumptos de etiologia, sob pena de perder inteiramente o seu primitivo significado.

Tudo quanto sabemos das causas degenerativas não chega para que nos julguemos em posse de elementos etiologicos verdadeiramente *especificos, essenciaes e permanentes*, attributos necessarios para que lhes ficasse bem o nome de stigmas.

Quando muito, dada a importancia dominante da

---

(1) Dr. M. LEGRAIN, loc. cit., pag. 65.

(2) *Lições sobre a epilepsia e as pseudo-epilepsias*. Lisboa, 1896, pagg. 42 e 100.

hereditariedade em materia de etiologia de estados degenerativos, haveria até certo ponto motivo para, em relação a esta, falar em estigmas etiologicos. Mas nem por isso deixava de deslocar-se e adulterar-se a significação do termo, com manifesta desvantagem para a clareza dos textos pela confusão de noções inteiramente diversas.

Fica-nos pois um conjuncto numeroso de caracteres degenerativos, que podemos classificar separadamente em tres grupos:

- 1.º Estigmas somaticos: morphologicos e anthropologicos;
- 2.º Estigmas physiopathologicos — a que tambem chamam impropriamente *biologicos*;
- 3.º Estigmas psychopathicos.

Alguns auctores <sup>(1)</sup> falam ainda de *estigmas sociaes*, que afinal nem mesmo chegam a constituir uma categoria especial de estigmas psychopathicos, e que só por motivos didacticos se poderiam estudar independentemente d'estes.

DALLEMAGNE mesmo reconhece que não é facil des-trinçar nitidamente os estigmas sociaes dos biologicos (em que elle incluye os que aqui chamámos physiopathologicos e psychopathicos), do mesmo modo que estes não se destacam bem dos anatomicos. Para este ultimo caso esclarece que o embaraço resulta de ser difficil

---

(1) M. BOMBARDA, loc. cit., pag. 41; DALLEMAGNE, *Dégénérés et déséquilibrés*, pag. 171, e *Stigmates biolog. e sociol. de la criminalité*. Paris, pag. 169.

isolar o exame anatomico do órgão do exame da respectiva funcção, resultado que muitas vezes só se consegue em virtude d'uma especie de abstracção momentanea. Quanto ao primeiro caso diz que «a difficuldade de separar os estigmas sociologicos dos precedentes (os biologicos) explica-se por considerações da mesma natureza» (1).

Parece-lhe no entanto que a separação, conquanto por vezes delicada e mesmo subtil, póde comprehender-se e motivar-se. Basta para isso investigar a natureza dos factos que os estigmas anatomicos e biologicos mais particularmente synthetizam. Na realidade, continúa o professor belga, elles dizem quasi exclusivamente respeito aos attributos da vida do individuo e da vida da especie.

Sigamos ainda um pouco as suas considerações para, sem necessidade de novas referencias, apurarmos desde já a questão dos estigmas sociaes. A estrutura dos órgãos e a physiologia regular das funcções bastam para assegurar a existencia individual; e se aos órgãos normaes e ás funcções equilibradas accrescentarmos os sentimentos altruistas necessarios (2) teremos as condições de que precisa a vida da especie. Ora se a integridade do individuo e da especie são condições essenciaes á existencia das sociedades, outras mais são indispensaveis para que estas se mantenham. As especies animaes subsistem sem de ordinario organizarem nucleos sociaes. Por conseguinte, em face das necessidades da vida social, é preciso mais alguma coisa além dos attributos anatomicos e biologicos.

---

(1) DALLEMAGNE, *Stigmates biolog. et sociol. de la criminalité*, pag. 170.

(2) Seria superfluo pretender demonstrar que estes *sentimentos altruistas* são já verdadeiros attributos sociaes.

Existem pois attributos necessarios ao individuo para elle realizar as suas funcções na sociedade; e a existencia de caracteres sociaes indispensaveis arrasta como corollario os estigmas sociaes correspondentes.

Se consideramos como estigmas anatomicos e biologicos tudo o que embaraça a vida individual ou especifica, perturbando a conservação e o progresso da especie, seremos logicamente levados a chamar estigmas sociaes ao conjuncto das manifestações, que affectam a conservação e o progresso das sociedades (1).

Procurando estabelecer as bases fundamentaes da estabilidade e do progresso social, DALLEMAGNE assignala: o respeito pela vida e pela propriedade individual e collectiva; a protecção das massas, tão necessaria como a protecção dos individuos; a obrigação do trabalho; o respeito pelas leis; os sentimentos de piedade e de probidade; as obrigações de raça e de nacionalidade; e as obrigações de familia.

«Taes são alguns dos elementos indispensaveis á conservação e ao progresso das sociedades» (2), que devem contar-se entre as condições essenciaes da adaptação social. Mas o proprio auctor nos diz que «quanto a esta adaptação, não seria difficil mostrar que ella é tributaria dos diversos equilibrios que compõem o equilibrio individual e, particularmente, o equilibrio psychologico. Porque, como disse muito bem LACASSAGNE, *o equilibrio cerebral constitue a virtude, isto é, a melhor adaptação á vida social*».

E assim conclue DALLEMAGNE que «debaixo das necessidades da adaptação social se occultam por conseguinte

---

(1) DALLEMAGNE, *Stigmates biolog. et sociol. de la criminalité*, pag. 172.

(2) DALLEMAGNE, *Stigmates biolog. et sociol. de la criminalité*, pag. 186.

outras necessidades derivadas de considerações mais secundarias, mais individuaes».

Em resumo, pois, os chamados estigmas sociaes são puros estigmas psychopathicos. Os motivos sociaes integram-se e systematizam-se na vida mental como elementos psychologicos mais ou menos complexos; as anomalias e desequilibrios que nelles possam surgir serão desvios psychopathicos que nenhuma razão plausivel aconselha a classificar em grupo autonomo.

De resto, mesmo os syndromas e desvios psychicos, que de commum accordo os auctores classificam como estigmas psychopathicos, constituem estorvo, ligeiro ou grave, para a vida social; embora não impliquem directamente com os sentimentos ethicos, nelles hão de interferir em certa medida, ou pelo menos embargam em grau maior ou menor a cooperação effectiva e util do individuo como unidade social. D'esta fórma, além de não haver motivo de ponderação para estudar á parte os estigmas sociaes, accresce que não se poderia bem distinguí-los dos estigmas psychopathicos.

Adoptaremos portanto os tres grupos já enumerados: estigmas somaticos, estigmas physiopathologicos e estigmas psychopathicos, que serão por sua ordem expostos nos capitulos seguintes.

---

## ESTIGMAS SOMATICOS

Estigmas somaticos e sua divisão: 1) estigmas relativos á morphologia geral do organismo; 2) estigmas anthropologicos; e 3) estigmas morphologicos especiaes ou descriptivos. Quanto aos primeiros: dados concernentes á estatura e ao peso do corpo; constituição e temperamento; sexualidade; idade; e eurythmia morphologica geral. Estigmas anthropologicos: anomalias de fórma, de volume e de proporção da cabeça, face, tronco e membros. Estigmas morphologicos especiaes ou descriptivos: anomalias do tegumento externo, cabellos e unhas, dos órgãos genitales, dos órgãos dos sentidos, e dos órgãos internos.

As anomalias morphologicas com significação de estigmas degenerativos podem agrupar-se em tres classes:

- 1.º Estigmas relativos á morphologia geral do organismo.
- 2.º Estigmas anthropologicos.
- 3.º Estigmas morphologicos especiaes ou descriptivos.

Cada uma d'estas categorias inclue grande numero de caracteres, cuja importancia foi exaggerada até ao

abuso, é certo, principalmente nos domínios da criminologia por parte da escola italiana, mas que nem por isso devemos deixar sem as indispensaveis referencias.

De resto o numero dos estigmas degenerativos morphologicos e outros, augmenta todos os dias, á medida que melhor e mais cuidadosamente se estudam os individuos anormaes (1). D'esta sorte póde muito bem succeder que uma ou outra omissão nos escape.

#### Estigmas relativos á morphologia geral do organismo

Neste capitulo temos de alludir: á estatura e ao peso do corpo, á constituição e temperamento, á sexualidade, á idade, e á eurythmia morphologica geral.

Os desvios da estatura podem ter significação degenerativa quando se afastem não do valor médio da estatura humana, mas dos limites physiologicos das variações individuaes (2). Muitas são as circumstancias que influem no valor da estatura; umas são simples elementos do meio cosmico, como o clima, a latitude, as condições geographicas e topographicas da região, a cidade, o campo, etc.; outras são circumstancias biologicas e sociaes, como a alimentação, a classe social, a hereditariedade morbida, as doenças durante a gestação, os accidentes da infancia, etc.

Como quer que seja, convém fixar os limites das variações physiologicas da estatura. MORSELLI achou para a estatura média nos adultos da Italia septentrional 1<sup>m</sup>,53, e nos da Italia meridional 1<sup>m</sup>,52. Mas em torno d'estes Algarismos a estatura individual oscilla entre

(1) CH. FÉRÉ, *La famille névropathique*, pag. 254.

(2) E. MORSELLI, *Man. di Semeiotica delle Malat. Mentali*, pag. 112.

largos limites, que elle procurou determinar. Para isso excluiu os valores extremos suspeitos de anomalia, e fixou-os entre 1<sup>m</sup>,40 e 1<sup>m</sup>,81, acrescentando que dentro d'estes numeros os mais frequentes variam de 1<sup>m</sup>,59 a 1<sup>m</sup>,68.

Em relação aos portuguezes o sr. F. FERRAZ DE MACEDO dá como estatura do homem normal 1<sup>m</sup>,64, média de 25 casos em que o maximo foi de 1<sup>m</sup>,72 e o minimo de 1<sup>m</sup>,55 (1). O numero restricto de medidas feitas pelo illustre anthropologista não nos permite confiar muito nos seus algarismos. Isso tambem pouco importa para o nosso ponto de vista, porque, como diz MORSELLI, a estatura só pôde servir-nos de criterio morbido em casos excepcionaes do seu valor, quando é excessivamente grande ou demasiado pequena, isto é: nos casos extremos de *macrosomia* ou de *microsomia*.

A macrosomia observa-se principalmente nos epilepticos e nos paranoicos; a microsomia é frequente nos cretinos, nos idiotas, nos microcephalos e, em summa, em todos os estados degenerativos em que actuou uma causa capaz de embargar o desenvolvimento geral do organismo, como por exemplo o alcoolismo dos ascendentes (2).

No ponto de vista da estatura propôs ZOJA uma classificação, cujos grupos principaes são:

- Gigantosomia — estatura superior a 2<sup>m</sup>,01
- Megasomia — estatura entre 1<sup>m</sup>,71 e 2<sup>m</sup>
- Mesosomia — estatura entre 1<sup>m</sup>,60 e 1<sup>m</sup>,70
- Microsomia — estatura entre 1<sup>m</sup>,25 e 1<sup>m</sup>,59
- Nanosomia — estatura inferior a 1<sup>m</sup>,24 (3).

(1) Dr. F. FERRAZ DE MACEDO, *Crime et criminel*. Lisbonne, 1892, pag. 45.

(2) CH. FÉRÉ, *La famille névropathique*, pag. 255.

(3) E. MORSELLI, *Man. di Semeiotica delle Mal. Mentali*, pag. 112.

É claro que só por si a megasomia e a microsomia, pelo menos para os valores mais proximos da mesosomia, não podem valer como estigmas degenerativos. Basta recordar que os algarismos do sr. F. FERRAZ DE MACEDO dão como normaes as estaturas entre 1<sup>m</sup>,55 e 1<sup>m</sup>,72 para reconhecer que muitos individuos, na posse d'um perfeito equilibrio physiologico, pertencem pela estatura ao grupo da megasomia ou da microsomia, sem que por isso devam considerar-se degenerados. Para se lhes poder ligar tal significação será necessario que simultaneamente apresentem outros estigmas.

Ao contrario, os grupos extremos — gigantossomia e nanossomia — valem por si, em absoluto, como signal degenerativo — tanto mais que sempre se acompanham d'outros que por assim dizer reforçam o valor d'essas verdadeiras anomalias da estatura. MORSELLI diz-nos explicitamente que, se nos verdadeiros alienados se observam todas as estaturas possiveis, nas psychoses degenerativas se exaggeram os dois grupos extremos (1).

Relativamente ao peso do homem, é elle muitissimo variavel dentro dos limites physiologicos no mesmo individuo, mas sobretudo d'um individuo para outro, conforme as suas condições de vida, a situação social, o regimen alimentar, a profissão, as doenças occorrentes, a estatura, a idade, a actividade physica, o temperamento, etc.

D'aqui resulta que é impossivel fixar um valor médio, que se tome como padrão de referencia. Para tirar inducções do peso individual seria necessario compará-lo não com a média geral, mas com o peso médio dos individuos que reunissem a maior somma de cir-

---

(1) E. MORSELLI, *Man. di Semeiotica delle Malat. Mentali*, pag. 111.

cunstanCIAS idênticas. Achado este algarismo em relação a várias categorias de exemplares normaes, reunindo cada uma individuos nas mesmas condições de idade, de temperamento, de profissão, de estatura, de alimentação, etc., — seria facil então aferir por elle os desvios apresentados nos casos degenerativos comparando o peso de cada doente com a média da categoria correspondente.

Este trabalho, porém, não está feito. Apesar d'isso, ha certos valores extremos do peso que não deixam duvidas como significativos de anomalia.

O sr. F. FERRAZ DE MACEDO achou para valor do peso dos portuguezes 64,1 kilogrammas (1), média de 25 individuos normaes, cujos pesos variaram entre 48 e 83 kilogrammas. São limites já bastante largos que ainda num ou noutro caso poderão ser ultrapassados independentemente de táras degenerativas; e, ao contrário, não devemos crer que um homem de peso comprehendido entre elles não seja degenerado.

O que podemos aceitar, numa palavra, é que todo o valor extremo do peso individual, para mais ou para menos, significa anomalia degenerativa. No hospital do Conde de Ferreira tive occasião de observar uma hysterica com varios estigmas mentaes, internada havia poucos mêses, que começára a nutrir immenso desde a sua entrada, accusando já o peso de 134 kilogrammas, com tendencias para alta.

A observação pessoal do sr. professor BOMBARDA no hospital de Rilhafolles leva-o a affirmar um estado de nutrição florescente na maioria dos epilepticos (2). Comprehende-se por conseguinte como estes degenerados podem apresentar um peso excessivo, tanto mais que é tambem nelles que se encontram estaturas elevadas.

---

(1) Dr. F. FERRAZ DE MACEDO, loc. cit., pag. 33.

(2) Prof. M. BOMBARDA, loc. cit., pag. 170.

Ao contrario os idiotas e cretinos, os degenerados inferiores em summa, apresentam em geral valores minimos no peso total do corpo, do mesmo modo que são os de mais baixa estatura.

Nenhum typo de *constituição* ou de *temperamento* constitue apanagio exclusivo da degenerescencia: ha normaes e ha degenerados de constituição fraca, média ou robusta, e de temperamento lymphatico, sanguineo, nervoso ou mixto — embora degenerescencia e normalidade não se distribuam uniformemente por todas estas classes.

São incontestavelmente o temperamento nervoso e a constituição fraca, que fornecem a maior parte dos estados degenerativos (1); a par d'isto, porém, encontram-se muitos degenerados de constituição robusta, principalmente epilepticos e paranoicos, assim como outros de temperamento lymphatico, sobretudo nas fórmias inferiores da degenerescencia: na idiotia e na imbecilidade.

Os caracteres secundarios da sexualidade podem apresentar-se de modo a constituirem verdadeiros estigmas degenerativos.

Estes caracteres differenciaes entre os dois sexos accentuam-se a partir da adolescencia, embora já antes d'esta epocha comecem a esboçar-se. Durante os primeiros annos da vida, porém, a morphologia geral do organismo é identica em ambos os sexos, mantendo-se apenas d'um para o outro as mesmas differenças que os assignalam na occasião do nascimento.

Póde affirmar-se que até um pouco antes da puber-

---

(1) Prof. M. BOMBARDA, loc. cit., pagg. 46 e 47.

dade o trabalho physiologico complementar da differenciação sexual é nullo ou pelo menos insignificante. Aparte as características inherentes á esphera genital exclusiva, que morphologicamente se estabelecem desde as primeiras phases da vida embryonaria e se mantêm estacionarias quasi até ao começo da puberdade, toda a anatomia e toda a physiologia evolutem nos dois sexos de identico modo, deixando persistir o que póde chamar-se *hermaphroditismo* das fórmas.

Permanecem com effeito durante a infancia as curvas suaves, os contornos arredondados sem o contraste das linhas rectas salientes e masculas; e os órgãos da reproducção acompanham apenas o crescimento do individuo, guardando sempre as proporções que tinham na occasião do nascimento. Durante a puberdade toda esta uniformidade plastica desapparece e na juventude as differenças attingem o seu maximo (1).

Geralmente as saliencias das cristas de inserção, as apophyses, os tuberculos e as asperezas osseas apresentam-se mais pronunciadas no homem do que na mulher; as arcadas supraciliares são igualmente mais proeminentes no homem, assim como a protuberancia occipital externa. Na mulher nota-se o cranio menos volumoso; a fronte pouco desinvoldida, — testa pequena; desinvolvimento acanhado da glabella e do segmento occipital da circunferencia horizontal do cranio; a bacia mais ampla, com predominio dos diâmetros transversos sobre os verticaes; as cristas illiacas mais largas, as ancas mais salientes, o pubis mais espaçoso, os femures afastados em cima e convergindo nas extremidades inferiores; o abdomen mais tumido e volumoso, o thorax arredondado tendendo para a fórma cylindrica, os hombros inclinados para fóra e para baixo, as espa-

---

(1) E. MORSELLI, loc. cit., pag. 118.

duas mais abatidas, e enfim as mãos e os pés mais gracios, menos volumosos.

Em summa, chegada a puberdade, os órgãos genitales entram num periodo decisivo de crescimento, que completa o seu desinvolvimento morphologico e os torna aptos para as funcções physiologicas que tēem de realizar — e d'essa crise se resente toda a plastica do organismo, no que ella tem de mais apparente.

No homem diminue a *panicula cellular subcutanea*; e as fórmulas brandas, as curvas harmoniosas são pouco a pouco substituidas pelos relevos musculares hirtos, salientes, nitidos, e todo o corpo do adolescente vae accentuando a emaciação, que definitivamente o distingue da esthetica feminina.

Ao contrario na mulher exaggera-se ainda mais o predominio das curvas na sua plastica; os membros e o tronco accentuam os seus contornos arredondados, sobresae a curva flexuosa do quadril, surge a tumescencia espherica dos seios, todo o typo feminino, numa palavra, affirma a sua modalidade escultural inconfundivel.

Ora, sem alludir ainda a anomalias morphologicas ou funcçionaes do dominio directo da esphera genital, que noutro lugar referiremos, os caracteres sexuaes secundarios apresentam ás vezes desvios com a significação de estigmas degenerativos.

Estes caracteres podem dispor-se de modo a realizar o *feminismo*, o *masculismo*, o *androgynismo*, ou o *gy-nandrismo*.

O feminismo tem andado lamentavelmente confundido com o infantilismo. LORAIN <sup>(1)</sup>, por exemplo, subordinava os ambos á mesma descripção, salientando como

---

(1) Cit. de CH. FÉRÉ, *La famille névropathique*, pag. 297.

principaes characteristics o pouco desenvolvimento dos orgãos genitales e systema piloso, a abundancia da pâncreas adiposa subcutanea, a molleza dos contornos, a brancura da pelle, o atrazo da dentição, a impotencia sexual. RICHER, no seu estudo *Les hermaphrodites dans l'art*, propunha a designação generica de hermaphrodismo para um grupo heterogeneo de anomalos, em que ficavam incluidos o feminismo e o infantilismo (CH. FÉRÉ).

Nestas condições, classificava-se como masculismo todo o caso que, ao lado dos caracteres fundamentaes femininos, apresentasse certos caracteres secundarios do sexo masculino: desenvolvimento do systema piloso, mammas rudimentares, bacia estreita, etc. Toda a anomalia que não podesse qualificar-se de masculismo era feminismo. Ora pelas characteristics de que se lançava mão via-se o masculismo em muitos casos em que elle não existia, e confundia-se no feminismo varios equívocos morphologicos d'outra natureza.

Para bem estabelecer as differenças é necessario recorrer a alguns dados anthropologicos que corroborem os aspectos da plastica e sirvam de norma segura.

É assim que, segundo CH. FÉRÉ (1), o feminismo se caracteriza pela presença de orgãos genitales masculinos geralmente pouco desenvolvidos, coincidindo com attitudes e andar feminino, a bacia larga, as ancas salientes, as glandulas mamarias consideravelmente volumosas, o tecido adiposo subcutaneo abundante, a pelle delicada, o systema piloso pouco desenvolvido, a voz delgada, a emotividade morbida, e particularmente tendencias sexuaes nullas ou pervertidas; por fim, os diametros bitrochanteriano e biiliaco são sensivelmente superiores aos

---

(1) *La famille névropathique*, pag. 298.

do homem normal, sendo ao contrario inferior o diametro biacromial (1).

No masculismo reconhece-se a existencia dos orgãos genitales femininos acompanhados dos caracteres secundarios da virilidade: os diametros cephalicos approximam-se dos do grupo masculino, ficando superiores aos da mulher normal; o diametro biacromial excede não só o do grupo feminino, mas chega ás vezes mesmo a ser superior ao masculino; e os diametros biiliaco e bitrochanteriano ficam não só inferiores aos do grupo feminino, mas ás vezes não attingem mesmo o valor dos masculinos (2).

A estes signaes anthropologicos podem juntar-se outros: a egualdade entre a *envergadura* e a *estatura*, que é menos frequente no homem do que na mulher; a presença da barba; a falta de desenvolvimento das mammas; a attitude e o andar masculinos; as espaduas largas; a bacia pouco desenvolvida e as ancas pouco salientes; a voz forte e grossa, a predilecção pelos exercicios violentos, e ao contrario pouco gosto pelos trabalhos e distracções domesticas.

Em alguns casos, porém, os caracteres accessorios da sexualidade podem não apresentar uma inversão completa como no feminismo ou no masculismo bem nitidos,

---

(1) CH. FÉRÉ, in-*Revue de Médecine*, vol. VIII, 1893, pag. 608.

(2) CH. FÉRÉ, in-*Revue de Médecine*, vol. cit., pag. 603. O texto de FÉRÉ nesta passagem é um tanto confuso, e parece mesmo não traduzir a lei que os seus algarismos denunciam. O mesmo vicio se repete a pag. 298 de *La famille névropathique*, onde o auctor reproduz aquelle artigo. Nas minhas considerações attendo aos valores achados por FÉRÉ, que apenas parece ter-se enganado ao redigir essa pagina.

notando-se apenas a sua inversão parcial — dando assim origem ao androgynismo ou ao gynandrismo (1).

Em qualquer d'estas anomalias observa-se a falta de concordancia dos caracteres secundarios da bacia e dos quadris, das glandulas mammarias e do systema piloso com a sexualidade. O androgyno é um individuo masculino de bacia ampla, mammas desinvolvidas e falta de barba; e o gynandro é uma mulher de bacia estreita, mammas pouco desinvolvidas e barbas ou pelo menos buço manifesto. Por esses caracteres approximam-se, pois, respectivamente do feminismo e do maculismo, mas distinguem-se d'estes porque tanto o androgyno como o gynandro tẽem as espaldas proporcionalmente largas e o diametro biacromial exaggerado em relação ao normal.

No decurso da idade os caracteres sexuaes secundarios, que não dependam da estructura esqueletica, tendem a apagar-se com a involução dos orgãos genitales, e é sobretudo a mulher que a partir da menopausa começa a perder a sua plastica sexual, approximando-se do grupo masculino.

De modo que os dois sexos, embora nem mesmo pela esthetica se confundam, assemelham-se e como que procuram encontrar-se num typo unico — o typo do homem. Este facto é principalmente notavel nas mulheres alienadas, que ultrapassaram a idade critica: nellas é manifesto o desaparecimento da doçura de expressão feminina, substituida por traços duros contrahidos, de aspecto francamente masculino; e é em especial frequentissimo o desinvolvimento de pellos no rosto. Quasi todos os alienistas alludem a mulheres barbadas,

---

(1) CH. FÉRÉ, *La famille névropathique*, pagg. 301 e 302.